

Soberania é defender nossas riquezas

Lula quer controle do Brasil na exploração de suas terras raras

Fernando Frazão - Agência Brasil



Alckmin será vice-presidente na chapa 2026, anuncia Lula

O presidente Lula anunciou, na terça-feira (31), que Geraldo Alckmin (PSB) vai continuar em sua chapa como vice-presidente na candidatura à reeleição. Para isso, Alckmin terá que deixar o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. “O companheiro Alckmin que vai ter que deixar o MDIC porque ele é candidato a vice-presidente da República outra vez”, anunciou o presidente. **Página 3**

João Campos celebra aliança com presidente

No último sábado (28), o prefeito do Recife, João Campos (PSB), reafirmou publicamente seu alinhamento político com a reeleição do presidente Lula, durante reunião do diretório estadual do PT em Pernambuco, que definiu apoio à sua candidatura a governador. **Página 4**

SP: alta de crimes reflete abandono da segurança no governo Tarcísio

A escalada de assaltos a carros e o avanço de redes organizadas de recepção de celulares expõem a sensação crescente de insegurança em São Paulo. Reportagem exibida pelo Fantástico, revelou o descontrole da segurança pública sob a gestão de Tarcísio. **Pág. 4**

Trump recua e navio russo fura bloqueio levando petróleo a Cuba

O petroleiro Anatoly Koldin chegou na segunda-feira (30) à nação caribenha, após três meses de um bloqueio imposto por Trump que deixou 10,9 milhões de cubanos reféns de apagões. **Página 7**



ANO XXXVI - Nº 4.042 1 a 7 de Abril de 2026



Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Governo estuda criação de estatal do estratégico setor de metais críticos

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva reuniu ministros na sexta-feira (27) para discutir como garantir a soberania do país na exploração dos metais críticos do Brasil. O governo estuda a criação de uma estatal para o setor dada a importância estratégica das terras raras no atual cenário internacional. As terras raras são um conjunto de elementos que fazem parte dos metais críticos e que são essenciais para a informática, a transição energética, a inteligência artificial, o setor de defesa e muitos outros. **Página 2**

FUP: “reestatizar BR Distribuidora para que o país não fique refém”

Fotos: AFP



“Trump precisa ser parado”, disse Robert De Niro (foto) após protesto gigante contra a guerra e o fascismo

EUA: milhões nas ruas repudiam ditador Trump e sua guerra ao Irã

Milhões de americanos foram às ruas no sábado (28) em todos os 50 estados do país em manifestações sem precedentes contra o autoritarismo de Trump e sua guerra contra o Irã.

Esta é a terceira mobilização nacional em menos de um ano convocada sob o lema “No Kings” (“Sem Reis”), que se consolidou como o principal movimento de contestação desde o retorno do

republicano à Casa Branca. Segundo os organizadores, mais de 3.100 eventos foram registrados nos 50 estados e estima-se participação superior a 9 milhões de pessoas. O ator Robert De Niro, que

participou da manifestação em Nova Iorque, afirmou: “Trump precisa ser parado”. A cantora Joan Baez, a atriz Jane Fonda, a cantora Maggie Rogers também participaram das manifestações. **Pág. 7**

Em entrevista exclusiva à Hora do Povo, Deyvid Bacelar, presidente da Federação Única dos Petroleiros (FUP) declarou que no governo de Bolsonaro “houve uma desestruturação da cadeia da Petrobrás, que antes era verticalizada – do poço ao posto”. Com o cenário internacional instável e possível alta do petróleo, “o Brasil fica vulnerável, sem controle da cadeia”, afirmou. A entidade participou de uma representativa plenária lançando a campanha pela reestatização da BR Distribuidora, da Liquigás e das refinarias. **Pág. 5**

Farsa que tentou encobrir crimes dos Bolsonaros é derrotada na CPI do INSS

Os bolsonaristas fizeram um picadeiro na CPI do INSS mas foram derrotados na madrugada do sábado (28). Por 19 votos a 12 o relatório farsa dos fraudadores do INSS, que desviava a atenção dos verdadeiros criminosos, foi derrotado. A maioria indiciou 130 pessoas, entre eles Jair e Flávio “Rachadinha”. Envolvido, presidente da CPI encerrou a sessão sem terminar votação do relatório. **Página 3**

‘Rachadinha’ vai aos EUA bajular bufão oferecendo riquezas do Brasil

Ligado às milícias e às facções criminosas, Flávio Bolsonaro fingiu falar contra os criminosos e clamou por uma intervenção dos EUA no Brasil. O serviçal ofereceu entregar toda a riqueza do país ao ditador. Enquanto isso, milhões viajavam Trump nas ruas do país. **Página 3**

Ibaneis arromba BRB com o Master e sai candidato

Pág. 2

Lula, as dívidas e os juros

“Lula precisa mostrar ao povo brasileiro que seu governo merece a confiança nas urnas para exercer mais um mandato à frente do Palácio do Planalto. Afinal, a alternativa seria um retrocesso ainda maior, com o retorno da extrema direita ao governo federal”

PAULO KLIASS*

As tendências apresentadas pela maioria das pesquisas de opinião divulgadas nas últimas semanas apontam para uma aproximação das intenções de voto entre Lula e Flávio Bolsonaro. Considerando a margem de erro dos levantamentos, o fato é que, se a eleição fosse hoje, haveria um empate técnico entre ambos. A polarização está na ordem do dia e na boca dos eleitores, sugerindo que o Brasil atravessará um período de campanha bastante acirrada, com algumas tintas que remetem ao pleito de quatro anos atrás.

O Presidente insiste em não reconhecer as indicações das pesquisas que também apuram a aprovação ou a desaprovação de seu governo. Mas também neste quesito os números são inquietantes. Apesar dos indicadores positivos relativos a desemprego, a emprego e a PIB, por exemplo, o fato é que a população não parece estar nada satisfeita com a sua situação. Boa parte dos empregos gerados são precários e informais, com remuneração bastante frágil e jornadas de trabalho extenuantes. O crescimento do PIB é pouco expressivo em quesitos como o consumo das famílias, retratando uma priorização dos recursos destinados ao agronegócio. A inflação de alimentos, energia e transporte crescem acima da média e comprometem ainda mais a qualidade de vida da grande maioria dos setores que compõem a base de nossa pirâmide da desigualdade social e econômica.

Esse quadro de incerteza termina por acirrar os ânimos daqueles que estão mais diretamente envolvidos na disputa de outubro próximo. E pode inclusive levar a estratégias equivocadas, em termos políticos e eleitorais. Lula tem evitado promover mudanças na orientação da política econômica de seu terceiro mandato. Tal opção está cobrando a fatura pela austeridade fiscal implícita no Arcabouço Fiscal, pela política monetária de SELIC nas estratosferas, pela cara de paisagem do Banco Central (BC) quanto às tarifas e spreads cobrados pela banca, pela falta de recursos para levar à frente políticas públicas voltadas à maioria da população.

A CRISE ATUAL E AS EXPLICAÇÕES EQUIVOCADAS

A combinação perversa de tais opções equivocadas de políticas públicas se concretiza em fenômenos que se revelam muito desgastantes para quem está à frente do Poder Executivo. Esse parece ser o caso de eventos como a fila recorde de tempo de espera para se conseguir atendimento no INSS ou os níveis dramáticos de inadimplência e de endividamento que afetam a grande maioria da população. Ao evitar o reconhecimento de que a política econômica está na base de tais acontecimentos, Lula e seus principais assessores partem para a busca de desculpas e explicações que não param de pé.

A questão dos juros elevados e do comprometimento da renda familiar para pagar as dívidas crescentes são exemplos típicos de tal recusa em encarar o fenômeno de frente, reconhecer os equívocos e propor soluções efetivas. Lula chegou perto de responsabilizar o povo pela situação de elevado endividamento. Em visita a uma empresa automobilística no final de março, ele se dedicou a comentar o tema:

(...) “Tudo a gente vai comprando. É R\$ 50 ali, R\$ 30, R\$ 40. Parece que não é nada. Mas quando chega no final do mês, a soma-tória dessa quantidade de pouquinhos vira grande. E a gente começa a ficar zangado. ‘Trabalhei o mês inteiro, recebi meu salário e não sobrou nada’. Ai quem vocês xingam? O governo” (...) [GN].

Continua: <https://horadopovo.com.br/lula-as-dividas-e-os-juros-por-paulo-kliass/>

*Paulo Kliass é doutor em economia e membro da carreira de Especialistas em Políticas Públicas e Gestão Governamental do governo federal.

Lula quer o Brasil no controle da exploração de seus metais críticos



Presidente Lula alerta que o Brasil precisa defender suas terras raras



Flávio Bolsonaro e os supremacistas no Texas. Fotomontagem HP

Flávio “Rachadinha” macaqueou Silvério e Calabar ao prometer entregar minérios a Trump

Nunca tinha havido uma traição pública tão escandalosa como a que o “rachadinha” fez no Texas. Mesmo Silvério traiu às escondidas. O bajulador de agora quer entregar o Brasil à luz do dia a Trump e escravizar o povo brasileiro

No último fim de semana o filho “01” de Jair Bolsonaro, que é o candidato marionete do pai – que está preso por tentativa de golpe de Estado e por planejar o assassinato de Lula, seu vice, Geraldo Alckmin e o ministro do STF, Alexandre de Moraes – foi a um evento de fascistas no sul dos EUA e prometeu que, se eleito, vai entregar tudo do Brasil para Trump explorar.

Sim. Foi exatamente isso o que aconteceu no Texas. Flávio Bolsonaro, o “rei da rachadinha”, que é ligado aos golpistas, às milícias e ao crime organizado, participou de um evento de fanáticos e supremacistas no estado mais reacionário dos EUA e implorou por uma intervenção do governo dos EUA nas eleições brasileiras deste ano. Além disso, o serviço ofereceu as terras raras brasileiras – o Brasil tem a segunda maior reserva do mundo – para “socorrer” Trump em seu desespero por estar sendo ultrapassado pela China socialista.

Não é a primeira vez que a família Bolsonaro trai descaradamente o Brasil. Quando Trump impôs, no ano passado, o criminoso tarifaço contra os produtos brasileiros, Flávio Bolsonaro aplaudiu, ficou ao lado de Trump e pediu mais sanções contra o Brasil. Seu irmão, o conspirador Eduardo, conhecido como Dudu “bananinha”, se mudou para os EUA para conspirar de lá contra o Brasil. Poucas vezes na história se viu uma traição à

pátria tão descarada quanto a dele e de Flávio.

Traição como essa da família Bolsonaro é uma caso de polícia. Há poucos antecedentes históricos que podem ser comparados ao que os “irmãos metralha” e seu pai presidiário fizeram e estão fazendo contra o Brasil. Quando se assiste ao discurso de Flávio Bolsonaro no evento de fascistas no Texas, o que vem à mente é a figura asquerosa de Silvério dos Reis, o traidor da Inconfidência Mineira. Ele também ofereceu os minérios brasileiros aos exploradores daquela época.

Silvério e Calabar também eram vira-latas e puxa-saco das metrópoles. Um de Portugal e outro da Holanda. Eles apunhalaram o país pelas costas, como fazem agora os bolsoneiros. Calabar e Silvério, como os irmãos Bolsonaro, defenderam “intervenção estrangeiras” e traíram o processo político do país. Exatamente o que fez o bajulador ao se arregaçar a Trump e aos fanáticos no Texas. Ele quer que o governo dos EUA intervenha na eleição de novembro. É um lambe-botas.

Silvério traiu o país para socorrer a Coroa portuguesa que estava apodrecendo. Ele permitiu, com sua traição, que os portugueses seguissem explorando o Brasil por mais tempo. Flávio Bolsonaro agora faz exatamente a mesma coisa. Oferece as riquezas do Brasil para “socorrer” Trump. Flávio das “milícias” e Silvério dos Reis

são muito parecidos. São dois traidores que o país rejeita e despreza. A única diferença é que agora o povo está mais esperto e não vai deixar a traição prosperar.

Silvério conseguiu que a repressão se abatesse covardemente sobre Tiradentes, tirando-lhe a vida. Calabar entregou os patriotas à sanha exploradora dos holandeses, mas, em Guararapes, os brasileiros já colocaram um ponto final em tudo. Agora, a coisa também vai por aí. Em 2022, o Brasil derrotou o golpe bolsoneiro que visava assassinar Lula e seus auxiliares. O povo entendeu o golpe fascista e salvou o país. E não vai permitir agora que o filho, débil mental, do golpista volte a conspirar de dentro do Planalto.

O Brasil quer seguir o seu caminho. Quer se desenvolver. Quer ser independente e autônomo. Quer o bem-estar de sua gente e não a sua escravização sob Trump. O Brasil não aceita ser quintal de ninguém. E o que o bolsonarismo defende é a rendição e a humilhação do Brasil perante o império falido dos EUA. A submissão bolsonarista a Trump é o caminho para a escravização e à miséria. O que Lula defende é exatamente o oposto de tudo isso. Ele quer seguir em frente. Consolidar a independência, desenvolver nossas forças produtivas e melhorar a vida do povo. Vamos derrotar a tralha fascista e a traição bolsonarista.

SÉRGIO CRUZ

Governo estuda criação de uma estatal para o setor dada a importância estratégica das terras raras no atual cenário internacional

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva reuniu ministros na sexta-feira (27) no Palácio do Planalto para discutir como garantir a soberania do país na exploração dos metais críticos do Brasil. A preocupação de Lula é totalmente oposta a de Flávio Bolsonaro que foi aos EUA neste último final de semana e ofereceu doar tudo para Trump.

O presidente Lula está pensando em criar uma empresa estatal voltada à exploração de terras raras no Brasil. As terras raras são um conjunto de elementos que fazem parte dos metais críticos e que são essenciais para a informática, a transição energética, a inteligência artificial, o setor de defesa e muitos outros.

A proposta em análise prevê a criação de uma empresa estatal que seria responsável pelo controle da exploração de minerais estratégicos usados na produção de eletrônicos e em quase todo o que se refere à defesa.

Foi a intensificação de conflitos e guerras de agressão pelo mundo, como a que ocorre atualmente contra o Irã, que levou o presidente Lula a concluir que o Brasil precisa se preocupar com as suas terras raras. Ele acha que é uma grande oportunidade para o país avançar também no processamento interno destes materiais.

A reunião integrou debates internos do governo sobre o papel do Estado no setor mineral. Segundo a proposta, a nova empresa poderia atuar também na exploração de outros minérios considerados estratégicos, ainda não definidos oficialmente.

Entre as possibilidades avaliadas está a inclusão da mineração de ferro. Um dos modelos discutidos poderia ser aquele em que o governo tenha participação acionária em empresas do setor e detenha uma golden share, ação especial que concede poder de veto em decisões estratégicas. Participaram do encontro os ministros Dario Durigan (Fazenda) e Alexandre Silveira (Minas e Energia), além da secretária executiva da Casa Civil, Miriam Belchior, e do assessor especial da Presidência, Celso Amorim.

Medidas visam mitigar os efeitos do choque de preços do petróleo sobre a população brasileira

O Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz) e Ministério da Fazenda divulgaram nota na noite desta terça-feira (31) em que afirmam que mais de 80% dos estados brasileiros indicaram adesão à proposta de subsídio ao diesel importado, com o fim de garantir a previsibilidade do abastecimento no país.

“Mais de 80% dos Estados já sinalizaram positivamente com a adesão e parceria com o Governo Federal visando mitigar os efeitos do choque de preços do petróleo sobre a população dos seus respectivos Estados”, afirmam na nota.

Segundo levantamento do G1, 21 estados já se manifestaram a favor. Os estados do Amapá (AP), Goiás (GO), Pará (PA) e Rondônia (RO), ainda não se manifestaram e o Governo do Distrito Federal (DF) se posicionou contra. O

governo do Rio de Janeiro diz que vai aguardar a publicação da Medida Provisória com as medidas do governo federal.

O Confaz, que é presidido pelo Ministério da Fazenda, realizou um encontro no dia de hoje (31), em São Paulo, buscando “empreender um esforço federativo conjunto para mitigar os efeitos de uma crise energética que atinge todo o mundo”.

A subvenção de R\$ 1,20 será custeada entre a União e os estados, com cada parte arcando com R\$ 0,60 por litro. O custo total da medida é estimado em R\$ 3,2 bilhões. De acordo com Confaz a ação tem caráter excepcional e temporário.

Leia mais: <https://horadopovo.com.br/diesel-21-estados-apoiam-propostas-do-governo-lula-de-impedir-aumento-nos-precos/>

Ibaneis arromba o BRB na negociata do Master e sai do governo para se candidatar

O governador bolsonarista do Distrito Federal, Ibaneis Rocha (MDB), pediu um empréstimo de R\$ 4 bilhões ao Fundo Garantidor de Crédito (FGC) para tentar tapar o rombo que criou no Banco de Brasília (BRB) com os “investimentos” que foram feitos no Banco Master.

Ele fez o pedido pouco antes de renunciar ao cargo de governador para se candidatar ao Senado Federal. Ibaneis, que tenta o apoio de Jair Bolsonaro, disse que o principal objetivo nas eleições de 2026 é “tirar a esquerda do poder”. Contudo, é mais provável que antes disso Ibaneis seja preso pela escandalosa negociata do BRB.

O BRB era peça central no esquema criminoso do Banco Master, uma vez que por meio dele e do dinheiro público o governo do Distrito Federal iria comprar o Banco Master depois de fraudes bilionárias.

Entre 2024 e 2025, antes mesmo de tentar adquirir o Banco Master, o BRB “investiu” mais de R\$ 16 bilhões na empresa de Daniel Vorcaro.

O presidente do BRB, Nelson Antônio de Souza, admitiu que o banco público perdeu pelo menos R\$ 8 bilhões com essas movimentações.

Foi com esse dinheiro, utilizado em ativos do Master que não eram amparados pelo FGC, que o BRB quebrou, e

agora precisa de um empréstimo para tentar se reerguer. Para conseguir o empréstimo, supostamente necessário para que o BRB tenha liquidez e capital, Ibaneis Rocha ofereceu como garantia de pagamento o patrimônio público do povo de Brasília.

Entre as garantias estão ações em estatais como o próprio BRB, a Companhia Energética de Brasília (CEB) e a Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (Caesb), assim como nove imóveis públicos.

A proposta de empréstimo teria 1 ano e meio de carência antes do início do pagamento, que depois seria dividido em parcelas semestrais.



Ex-governador bolsonarista do Brasília usou dinheiro público para salvar o banco do amigo Vorcaro

Caged: Brasil gera mais de 255 mil empregos formais em fevereiro

Os dados do Novo Caged com as informações do mercado de trabalho dos trabalhadores com carteira assinada foram apresentados nesta terça-feira (31) pelo ministro do Trabalho e Emprego, Luiz Marinho. Em fevereiro foram admitidos 2.381.767 e demitidos e 2.126.446. O resultado foi a criação de 255.321 novos empregos.

O setor de serviços foi o que puxou o resultado positivo, ocorridos pela maioria dos estados. A soma dos empregos criados em janeiro e fevereiro é de mais de 370 mil vagas.

“Temos uma guerra em curso, que cria transtornos para o mundo inteiro, e também um contexto de juros. Essa combinação pode dificultar investimentos e impactar a velocidade de geração de empregos e o ritmo da economia”, destacou o ministro.

Quanto à agressão dos EUA ao Irã, o Brasil já sente as repercussões com o aumento no preço do petróleo e dos combustíveis, que o governo Lula tem se mobilizado para enfrentar. Com relação aos juros exorbitantes já é uma realidade a desaceleração da

economia e as projeções para o Produto Interno Bruto (PIB) deste ano, abaixo dos 2%, que projetam um cenário nada favorável para criação de empregos, por conta dos juros estrangulando a economia.

Marinho reafirma a crítica que vem fazendo há um bom tempo sobre os efeitos negativos da taxa Selic em 15% até semana passada e agora em 14,75%, acusando o “fogo amigo” do Banco Central.

Leia mais: <https://horadopovo.com.br/brasil-gera-mais-de-255-mil-empregos-formais-em-fevereiro/>

Escreva para o HP

horadopovo@horadopovo.com.br

HORA DO POVO
é uma publicação do
Instituto Nacional de
Comunicação 24 de agosto
Rua Mazzini, 177
Cambuci - CEP: 01528-000
São Paulo-SP
E-mail: inc24agosto@gmail.com
C.N.RJ 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000

Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hpri@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovo@yaho.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barros/Passagem Ana Deus, 140 Curio-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



Anúncio foi feito na reunião ministerial Alckmin será vice na chapa da reeleição, anuncia Lula

O presidente Lula anunciou, na terça-feira (31), que Geraldo Alckmin (PSB) vai continuar em sua chapa como vice-presidente na candidatura à reeleição. Para isso, Alckmin terá que deixar o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

“O companheiro Alckmin que vai ter que deixar o MDIC porque ele é candidato a vice-presidente da República outra vez”, anunciou Lula durante a reunião ministerial no Palácio do Planalto.

Geraldo Alckmin, que foi eleito governador de São Paulo em 2010 e 2014 pelo PSDB, foi escolhido por Lula para compor a chapa presidencial em 2022 para dar amplitude e dialogar com setores que são fortes no Estado de São Paulo.

Seu nome era cotado para ser candidato ao Senado Federal por São Paulo ao lado de Simone Tebet (PSB), que era ministra do Planejamento de Lula.

Em suas redes sociais, Lula publicou uma foto da reunião ministerial e escreveu “mãos à obra, companheiro Geraldo Alckmin! O trabalho não para”.

“Aos ministros e ministras que saem, o reconhecimento por tudo que fizeram. Aos que chegam, a missão é clara: manter o Brasil em movimento e garantir que o governo do Brasil continue trabalhando com compromisso, responsabilidade e foco no que ainda iremos entregar ao povo brasileiro”, continuou.

Alckmin falou que o trabalho deve continuar “com as mesmas meias da humildade que não furam nem com caminhada longa nem com trabalho dobrado. Vamos em frente!”.

Durante a reunião, o presidente Lula comentou que “não foi fácil remontar” a estrutura do governo federal depois da destruição feita por Jair Bolsonaro.

“O país foi montado para não funcionar e todos vocês sabem como vocês o encontraram. Agora, esse país está montado para funcionar”, disse aos ministros. Segundo ele, a situação é “infinitas vezes” melhor do que em 2022.

‘Rachadinha’ foi aos EUA bajular Trump e entregar as terras raras



Ele discursa em evento de fanáticos e fascistas nos EUA e foi entregar riquezas Derrotada farsa na CPMI do INSS que tentou acobertar crimes de Jair e Flávio Bolsonaro

Os bolsonaristas fizeram um picadeiro na CPMI do INSS mas foram derrotados na madrugada do sábado (28). Por 19 votos a 12 o relatório farsa dos fraudadores do INSS, que desviava a atenção dos verdadeiros criminosos, foi derrotado. A sessão da Comissão começou às 9h44 desta sexta-feira (27) e foi encerrada às 01h14 deste sábado.

INSS E MASTER

O Brasil inteiro sabe que, tanto os golpes nos aposentados quanto a vida mansa que teve o dono do Banco Master para assaltar os cofres públicos, ganharam asas no governo Bolsonaro. Os ministros de seu governo é que viabilizaram a ampliação dos consignados e os desvios. Tanto que o esquema só foi desmontado no governo Lula. Um dos ministros de Bolsonaro, Ronaldo Bento, da Cidadania, virou diretor do Banco Master.

A farsa era tão evidente que até o presidente da CPMI, o senador Carlos Viana (Podemos-MG), foi flagrado enviando R\$ 3,6 milhões em emendas do orçamento secreto para uma arapuca de Belo Horizonte que desviou dinheiro do INSS. Coincidentemente essa arapuca, a igreja da Lagoinha, conhecida como “ladroinha”, é um antro de bolsonaristas ladrões. A começar por seu pastor, Fabiano Zettel, que está preso.

Mas não é só Zettel que agia na Lagoinha. Dali também saíram o próprio Daniel Vorcaro, que usou o Banco Master, autorizado a funcionar por Roberto Campos Neto, presidente do BC de Bolsonaro, para dar golpes que geraram um rombo de mais de R\$ 50 bilhões. A arapuca é frequentada também pelo estridente deputado Nikolas Ferreira. As emendas são só a ponta do iceberg. A Polícia Federal está no encalço do chefe do bando, o pastor André Valadao, que criou um banco dentro da igreja para fraudar aposentados e fiéis. Eles fecharam às pressas a igreja, mas a PF promete seguir na captura dos bandidos.

ACOBERTADOS

Os ladrões tentaram desviar a atenção de seus roubos para atingir figuras ligadas ao atual governo, exatamente o governo que acabou com a farsa. A farsa foi tão ridícula que o relatório derrotado pedia o indiciamento

e até a prisão de Fábio Silva, filho do presidente Lula. Um típico ato eleitoral. Tinham quebrado o sigilo bancário e fiscal de Fábio e não encontraram nada. Nenhuma ligação com o escândalo do INSS, mas mesmo assim, só para atingir Lula, pediram o seu indiciamento. A palhaçada foi derrotada no plenário da CPMI.

O relatório do deputado bolsonarista Alfredo Gaspar (PL-AL) tentou acobertar seus comparsas que se loqueletaram roubando aposentados, recomendando o indiciamento de mais de 200 pessoas. O parlamentar do grupo fascista insistiu em envolver o filho do presidente Lula, Fábio Luís Lula da Silva, conhecido como “Lulinha”, mesmo a comissão não tendo encontrado nada de irregular em suas contas.

Diante da total falta de provas contra Fábio, o relator bolsonarista inventou que ele teria recebido repasses do “Careca do INSS” — apontado pela Polícia Federal como figura central no esquema de descontos indevidos. A invenção se utilizou da empresária Roberta Luchsinger, amiga de Lulinha, para acusá-lo. Uma farsa cínica e eleitoral para tentar influenciar a eleição de novembro.

ENVOLVIDO

A data limite para a conclusão dos trabalhos é neste sábado (28). Colegiado chega ao fim sem ter um documento formal. O documento da maioria recomendava o indiciamento de 130 pessoas, entre eles o ex-presidente Jair Bolsonaro, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) e Daniel Vorcaro, dono do Banco Master. Derrotado, o presidente da CPMI, encerrou arbitrariamente os trabalhos para impedir a votação do relatório da maioria e proteger os verdadeiros ladrões que estavam em seu relatório.

Em entrevista, o deputado Paulo Pimenta (PT-RS), líder da bancada na CPMI, criticou duramente a condução



Sessão da CPMI do INSS, que não investigou nada

dos trabalhos e acusou o presidente de agir por motivação política: “Todas as comissões, todas as decisões de CPis ou CPMIs, sempre que o voto do relator é minoritário, é designado pelo presidente outro relator para apresentar o voto da maioria. Nós hoje fomos impedidos de fazer com que essa comissão concluísse seus trabalhos como um relatório aprovado”, denunciou.

“Se esta comissão concluir seu trabalho sem um relatório, foi uma decisão política do presidente, com apoio do relator, porque não havia concordância com o voto da maioria. Isso é uma afronta à democracia. Tínhamos a maioria na comissão, portanto tínhamos o direito de aprovar o nosso relatório”, acrescentou. “O presidente decidiu que a comissão não tivesse um relatório para impedir que fosse aprovado o indiciamento do ex-presidente Jair Bolsonaro como chefe da organização criminosa que roubou os aposentados”, completou Pimenta.

CÚMPLICE

Ouviu-se também que o senador Carlos Viana impediu a votação para proteger seus cúmplices. “O presidente da CPMI também impediu a votação do relatório da Verdade, o relatório da maioria, porque queria blindar o pastor Fabiano Zettel, que era pastor da Igreja Batista da Lagoinha, a mesma igreja do senador Carlos Viana.”

Mesmo sem aprovação formal, o relatório da maioria deverá seguir para órgãos de investigação. O deputado Rogério Correia (PT-MG) afirmou que o documento será encaminhado às autoridades competentes: “O relatório da maioria será entregue à Polícia Federal, à Procuradoria-Geral da República e ao Supremo Tribunal Federal.” Entre os pontos do documento, está o pedido de indiciamento de diversas pessoas, incluindo o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) e o ex-presidente Jair Bolsonaro.

Ligado às milícias e às facções criminosas, Flávio Bolsonaro clamou por uma intervenção dos EUA no Brasil. O serviço ofereceu entregar toda a riqueza do país ao ditador Trump

No dia em que mais 9 milhões e norte-americanos saíram às ruas em repúdio a Donald Trump, o capacho Flávio Bolsonaro se deslocou até os Estados Unidos para bajular o ditador, atacar o Brasil e insuflar o bufo a se intrometer nas eleições brasileiras.

O serviço discursou num evento de fanáticos e fascistas que se realiza nos EUA e fez um apelo ao seu guru para que os Estados Unidos façam “pressão diplomática” sobre as eleições no Brasil. O golpista, que apoiou o plano do pai de impedir a posse de Lula e matar tanto o presidente eleito quanto seu vice e o presidente do Tribunal Eleitoral, foi falar em lisura nas eleições. O que ele quer é que Trump tome conta do Brasil e de suas riquezas.

Flávio Bolsonaro indicou para um cargo no governo do Rio de Janeiro uma pessoa de nome Alessandro Pitombeira Carracena, que foi preso por ajudar o Comando Vermelho, uma das principais facções criminosas do país. E, mesmo assim, ele teve a cara de pau de ir aos EUA e mentir dizendo que quem apoia criminosos no país é o governo Lula. Disse isso para pedir uma intervenção militar americana no país. Ou seja, mais uma vez ele trai o Brasil descaradamente, assim como fez quando apoiou o tarifaço de Trump contra os produtos brasileiros.

A ligação de Flávio Bolsonaro não é só com as facções criminosas do Rio de Janeiro. Ele tem profundos laços com as milícias, que são criminosos que dominam territórios e mantêm a população como refém de extorsão e ameaças. Ele homenageou o chefe de uma das milícias mais antigas do Rio, a de Rio das Pedras, o assassino profissional Adriano da Nóbrega. Colocou a mãe e a mulher do criminoso em seu gabinete. Repassava dinheiro através delas para a milícia.

Mais de 3 mil cidades dos 50 estados americanos repudiaram Trump (reprodução)

Uma pessoa com essa folha corrida se presta a mentir sobre o Brasil e insuflar a agressão americana ao país. Vai aos EUA apoiar a ideia de Trump de classificar as facções brasileiras como organizações terroristas para justificar a sua intervenção militar no Brasil. Foi exatamente com este pretexto que ele invadiu a Venezuela para roubar o petróleo do país.

Flávio Bolsonaro defendeu cabo que assassinou criança de 5 anos

Reportagem do site ICL Notícias da terça-feira (31) revela que Flávio Bolsonaro atuou em defesa de um assassino acusado de matar Ana Clara Machado, de 5 anos. O matador era Bruno Dias Delaroli e o caso ocorreu em 2021 na comunidade Monan Pequeno, em Niterói, Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Delaroli, que era cabo no 12º BPM de Niterói, chegou a ser preso preventivamente, mas a medida foi revogada em novembro de 2021, quando a Justiça determinou sua substituição por medidas cautelares.

Flávio Bolsonaro integrou a banca de defesa do militar. O parlamentar assina o recurso apresentado em 2024 ao Superior Tribunal de Justiça (STJ) para reverter a decisão do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro que submeteu o caso a júri popular. O recurso foi negado pela Corte. O caso não cabe mais recurso e Delaroli aguarda julgamento.

O apoiador de milícias também participou de um recurso ao Superior Tribunal de Justiça (STJ) em defesa de quatro policiais militares acusados de matar quatro homens durante uma emboscada no Morro do Vidigal, na Zona Sul do Rio, em 16 de janeiro de 2020.

Nesse caso, a defesa também tentou reverter, no ano passado, a decisão que determinou que os réus fossem julgados pelo tribunal do júri. Os cabos Pedro Jeremias Lemos Pinheiro, Vic-

tor Barcelheiro Batista e Rafael Nascimento Rosa e o sargento Ricardo de Moraes Mattos eram lotados à época no Grupamento de Intervenção Tática (GIT) da Coordenadoria de Polícia Pacificadora.

De acordo com o MPRJ, os assassinos “foram cometidos mediante emboscada, tendo em vista que os denunciados [os PMs] ficaram escondidos no interior de um imóvel, posicionando-se em um plano superior ao que se encontravam as vítimas, para subitamente atacá-las, com disparos de cima para baixo”.

A investigação apontou que os policiais teriam invadido uma residência pela manhã e aguardado até a tarde para realizar os disparos, feitos de cima para baixo, surpreendendo os vítimas sem chance de defesa. Os policiais alegaram em sua defesa que foram para a comunidade pela manhã, para uma operação de combate ao tráfico. Após a prisão de um traficante e um policial ser baleado, os agentes afirmaram que deixaram o local.

As ligações de Flávio Rachadinha com grupos de extermínio, com milícias e as facções criminosas do Rio de Janeiro já são antigas e bem conhecidas. Ele homenageou em 2005 o assassino de aluguel, Adriano da Nóbrega, chefe da milícia de Rio das Pedras, na Zona Oeste do Rio e do “Escritório do Crime”, uma espécie de central de assassinatos pagos da milícia.

Bloqueio criminoso só faz Cuba se unificar contra Trump, diz Orlando Silva

O deputado federal Orlando Silva (PCdoB-SP) afirmou, em entrevista ao HP, que os Estados Unidos intensificaram o bloqueio contra Cuba para jogar o povo contra seu governo, mas está claro para os cubanos que o responsável pela atual crise é Donald Trump.

Donald Trump “quer levantar o povo cubano contra o seu governo. Mas está aqui, o governo tem sido capaz de mostrar quem é o responsável pelas dificuldades que a ilha vive, que é Donald Trump”.

Orlando esteve em Cuba e participou de atividades de solidariedade ao país, inclusive encontro com o presidente Miguel Díaz-Canel.

O deputado relatou que os Estados Unidos impuseram sobre Cuba “um bloqueio energético que tenta impedir a chegada de combustível, e isso impacta nos serviços essenciais, na atividade econômica e restringe o acesso ao turismo”.

Em uma nova agressão covarde, o presidente Donald Trump está forçando outros países a romperem relações diplomáticas com Cuba, como ocorreu com a Costa Rica, e desfaçerem “contratos de serviços médicos, que são uma das principais fontes de receita para a ilha”. Cuba enviou médicos para mais de 150 países, incluindo o Brasil, que os contrata pelo programa Mais Médicos.

Por conta da falta de combustível para a produção de energia, as universidades de Cuba passaram a funcionar de maneira remota e o transporte público foi gravemente afetado, assim como o turismo.

Diante dessa situação, o governo cubano optou por dar prioridade ao funcionamento da saúde e da educação básica.

“Senti o presidente Miguel Díaz-Canel muito confiante, o Partido Comunista de Cuba unificado, o governo unificado e buscando construir diálogos e pontes com diversos países do mundo para ver soluções que deem um fôlego para a economia cubana e garantam dias melhores para a ilha”, continuou.

“Não por acaso, o Presidente da República afirma: ‘lutaremos com as nossas vidas’. E quem conhece a história de Cuba sabe a força do que ele está dizendo, a força e a resiliência que esse povo tem”, disse.

Na avaliação do parlamentar, a unidade dos cubanos em torno da defesa de sua soberania faz com que os EUA não consigam invadir o país, como fizeram com a Venezuela, uma vez que o povo cubano poderia realizar até mesmo uma resistência armada.

Orlando apontou que não foi por acaso que os EUA assassinaram 32 soldados cubanos quando invadiram a Venezuela para sequestrar o presidente Nicolás Maduro.

João Campos consolida aliança eleitoral para a disputa em PE

“Eu não tenho nenhuma dúvida que essa construção vai fazer com que a gente tenha a maior votação numa eleição de dois da história de Pernambuco”, disse

No último sábado (28), durante uma reunião do diretório estadual do Partido dos Trabalhadores (PT) em Pernambuco, o prefeito do Recife, João Campos (PSB), reafirmou publicamente seu alinhamento político com a reeleição do presidente Lula, que definiu apoio à sua candidatura ao governo do estado.

Foram 59 votos favoráveis à aliança, que inclui a indicação do senador Humberto Costa (PT) a uma das vagas da chapa. Completam a chapa a ex-deputada federal Marília Arraes (PDT), prima de João Campos, que também será candidata a senadora; e o economista e advogado Carlos Costa (Republicanos), que é irmão do ministro dos Portos e Aeroportos, Silvio Costa Filho, e será candidato a vice-governador. O evento também contou com a participação da ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos (PCdoB).

João Campos enalteceu a aliança com o PT. “Eu fico muito feliz com essa construção e queria agradecer a liderança do senador Humberto Costa, da senadora Tereza Leitão e de todos os dirigentes do Partido dos Trabalhadores. Deixar registrada a minha gratidão ao presidente nacional do PT, Edinho Silva, e ao presidente Lula. Esse encontro mostra uma unidade do nosso campo político, que é um campo democrático, um campo popular e que vai representar o palanque do presidente Lula e, principalmente, vai representar o povo de Pernambuco na esperança do sonho de um estado melhor”, destacou.

Ele também respondeu a questionamentos sobre o alinhamento da chapa com Lula. “Eu fui questionado pela imprensa, perguntaram ‘prefeito, a chapa não está muito lulista?’. Eu disse ainda bem que está lulista, porque eu

sou lulista e não tem nenhum problema em afirmar isso”, reforçou.

E completa: “Eu não tenho nenhuma dúvida que essa construção vai fazer com que a gente tenha a maior votação numa eleição de dois da história de Pernambuco. Porque nós selamos uma coerência de campo político”.

Por fim, João Campos ressaltou ainda a importância da eleição para o Senado Federal como fator estratégico para o país, diante da movimentação da extrema-direita.

“Há uma prioridade clara da eleição do presidente Lula, mas há uma prioridade institucional inegociável com o Brasil, que é a eleição do Senado”, disse. “Não é só uma luta por uma vitória bonita, mas é ganhar com o melhor time e ganhar pensando na governabilidade do presidente Lula no seu quarto mandato e como presidente do Brasil”, afirmou.

Em resolução política aprovada pelos filiados, o PT de Pernambuco afirma que a estratégia é parte do esforço para a manutenção de um bloco nacional “capaz de vencer a extrema-direita e impedir o avanço do fascismo”.

“Aqui em Pernambuco, essa aliança se expressa no histórico de apoio e de participação do PT na Frente Popular de Pernambuco, que tem contribuído diretamente para a construção de governos populares no estado numa frente de partidos liderada pelo PT e o PSB, refletindo a aliança, que conta com a presença do vice-presidente, Geraldo Alckmin, na chapa”, diz o documento.

Em nota, o presidente estadual do PSB, Sileno Guedes, celebrou a decisão do PT. “A deliberação concluída hoje é um gesto de unidade e responsabilidade política em torno da reeleição do presidente Lula”, afirmou.

Presidente Lula sanciona lei que amplia a licença paternidade para 20 dias

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou nesta terça-feira (31) o projeto de lei que amplia a licença-paternidade no Brasil. A nova regra estabelece um aumento gradual do período atual de cinco dias, que passará a ser de 10 dias em 2027, 15 dias em 2028 e 20 dias em 2029.

A sanção ocorreu em cerimônia no Palácio do Planalto e encerra uma tramitação de 19 anos no Congresso Nacional. O tema foi apresentado inicialmente em 2007 pela então senadora Patrícia Saboya e teve como relatora no Senado a senadora Ana Paula Lobato (PDT-MA). Na Câmara, o texto foi aprovado em novembro do ano passado com relatoria do deputado Pedro Campos (PSB-PE).

“São 38 anos de espera para regulamentar a licença-paternidade e ampliar essa licença, que hoje tem cinco dias, depois vai para 10, 15 e 20 dias. Essa foi uma conquista conjunta da sociedade civil com o Parlamento e com a nossa participação”, destacou a ministra-chefe da Secretaria de Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann.

Em seu discurso, o presidente Lula associou a medida a uma

mudança cultural na divisão de tarefas domésticas e nos cuidados com os filhos. “A mulher já conquistou o mercado de trabalho fora, mas o homem ainda não conquistou a cozinha. Essa lei vai ensinar os homens a dar banho em criança, a acordar de noite para cuidar da criança quando chora. Ele vai ter que aprender a trocar fralda”, afirmou. “É uma lei que eu sanciono com muito prazer”, completou.

A nova legislação se aplica tanto a filhos recém-nascidos quanto a crianças adotadas. Quando o projeto foi aprovado na Câmara, o relator Pedro Campos ressaltou que “nenhum direito é mais fundamental do que o de nascer cercado de cuidado” e lembrou que o tema já era debatido desde a Assembleia Nacional Constituinte de 1988.

Com a sanção, o Brasil passa a ter uma das licenças-paternidade mais longas da América Latina, embora ainda abaixo de países como Suécia, que oferece mais de três meses, e Portugal, onde o período pode chegar a 25 dias. A implementação escalonada visa dar tempo para a adaptação de empresas e órgãos públicos ao novo formato.



PL aprovado no Congresso após 19 anos de tramitação



Pré-candidato ao governo recebeu o apoio do PT para a disputa eleitoral



Reportagem do Fantástico acompanhou vítimas de assaltos em São Paulo

Epidemia de assaltos em São Paulo mostra o total abandono da segurança pelo governo Tarcísio

A escalada de assaltos a carros e o avanço de redes organizadas de receptação de celulares expõem a sensação crescente de insegurança em São Paulo. Reportagem exibida pelo programa Fantástico, da TV Globo, neste fim de semana trouxe à tona relatos de vítimas, a dinâmica dos crimes e a existência de verdadeiros polos de comércio ilegal de celulares no centro da capital, mostrando o total des controle na segurança pública sob as gestões do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) e do prefeito Ricardo Nunes (MDB).

De acordo com investigadores, aparelhos levados em assaltos seguem, em grande parte, para pontos específicos de receptação na região central. Um prédio voltou a ser citado como um dos principais polos desse comércio ilegal, conhecido informalmente como “ninho do celular roubado”, mesmo dois anos após uma grande operação policial. Foi para esse circuito que acabou indo o celular de Júlia, roubado em plena luz do dia na Baixada do Glicério, a poucos metros de uma base da Polícia Militar.

“Eles arregaçaram o vidro do meu carro e levaram o meu celular. Foi tudo muito rápido”, contou Júlia, ainda abalada. O marido dela, que estava no banco do passageiro, ficou ferido pelos estilhaços. O aparelho era ferramenta essencial de trabalho da família e nunca foi

recuperado. Segundo o relato, a orientação policial foi apenas registrar a ocorrência, enquanto os criminosos fugiam por becos da região.

A rotina de medo também se impõe a quem depende das ruas para trabalhar. Motoristas de aplicativo relatam ataques sucessivos e sensação permanente de vulnerabilidade. Xênia teve o carro atingido duas vezes em menos de 24 horas. “Quebraram o vidro da frente num dia e o de trás no outro. Levaram meu celular. Foram mais de R\$ 2 mil de prejuízo”, afirmou. Hoje, ela e outros profissionais recorrem a aplicativos de navegação para mapear áreas de risco em tempo real. “Você tem que estar alerta o tempo inteiro”, disse. “Não me sinto segura em lugar nenhum. Só em casa, com meus filhos.”

Apesar de operações recentes anunciadas pela Secretaria de Segurança Pública, com reforço de policiamento em áreas críticas, a sensação nas ruas é de que o problema persiste. Na última ação, a Polícia Militar prendeu 70 pessoas, sendo 46 procuradas pela Justiça, apreendeu mais de 48 kg de drogas, 12 armas e recuperou 53 veículos e 21 celulares. No Brás, um motociclista foi flagrado transportando 14 iPhones escondidos. A operação “Impacto Media Urbs” mobilizou cerca de 2,5 mil policiais e mais de mil viaturas, com atuação do Comando de Policiamento Metropolitano, Choque e Cavalaria.

Ainda assim, a engrenagem criminosa segue ativa.

Investigações da Polícia Civil apontam que os ataques são rápidos e padronizados: criminosos identificam veículos parados, quebram o vidro e levam os pertences em segundos, especialmente em vias como a Marginal Tietê. Casos recentes incluem a tentativa de roubo contra o músico Lucas Lima, que sofreu ferimentos leves ao ter o carro atacado, e um casal abordado próximo ao Mercado Municipal.

Especialistas alertam que o crime evoluiu. “Antes, o maior interesse era o lucro obtido com o aparelho celular em si, mas há uma sofisticação do estelionato: as quadrilhas subtraem celulares, fazem o desbloqueio e conseguem aplicar golpes financeiros”, explica o pesquisador Leonardo Silva, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Ele destaca ainda a estrutura articulada dessas ações: “Há o tomador do celular, quem repassa o aparelho aos estelionatários, quem repassa os aparelhos para quadrilhas que, por sua vez, revendem para e-commerces”.

O chamado “ninho do celular roubado” simboliza essa cadeia criminosa que começa no trânsito e termina em pontos clandestinos de revenda. Para quem já foi vítima, o impacto vai além da perda material. “Sempre que passo por ali, lembro do que aconteceu”, disse Júlia. “Fica um sentimento de impotência, de ódio. Parece que não tem fim.”

Disputa começa equilibrada: Diferença de 6,5 pontos separa Tarcísio e Haddad em SP

A poucos dias de deixar o Ministério da Fazenda, em 19 de março, Fernando Haddad (PT) já surge como principal nome na disputa pelo governo de São Paulo e encosta no governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), segundo pesquisa AtlasIntel encomendada pelo Estadão e divulgada nesta segunda-feira (30).

No principal cenário, Tarcísio aparece com 49,1% das intenções de voto, enquanto Haddad soma 42,6%. A diferença de 6,5 pontos percentuais, dentro de um intervalo considerado estreito para eleições majoritárias neste estágio, indica uma disputa que começa equilibrada, mesmo com a entrada recente do ex-ministro.

Além dos dois, Kim Kataguiri (Missão) tem 5%, e Paulo Serra (PSDB), 1,2%. Brancos e nulos somam 1,5%, e 0,6% não souberam responder.

Embora lidere em todos os cenários testados, Tarcísio de Freitas não abre vantagem ampla e aparece em disputa acirrada não só com Fernando Haddad, mas também com outros nomes do campo aliado ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Com a ministra Simone Tebet, que recentemente deixou o MDB e se filiou ao PSB, além de sinalizar candidatura ao Senado por São Paulo, o governador tem 48,8%, contra 41,8%.

Em um cenário com o vice-presidente Geraldo Alckmin

(PSB), os números são de 48,4% para Tarcísio e 41,4% para Alckmin, que deve permanecer como vice na chapa presidencial de Lula, embora também se cogite uma eventual candidatura ao Senado.

Já com o ministro Márcio França (PSB), ex-governador paulista que hoje sinaliza disputar o Senado, a diferença é maior: 49,4% a 32,2%. Ainda assim, trata-se de um cenário distinto daquele considerado mais provável, com Haddad na cabeça de chapa.

A divulgação do levantamento foi comemorada pelo PT. Para o secretário nacional de Comunicação do partido, Eden Valadares, o resultado mostra que a eleição está em aberto.



Ailton foi preso 4 vezes após erro no reconhecimento facial

86% das vítimas negras: as falhas no reconhecimento facial do Smart Sampa

O coordenador de departamento pessoal Ailton Alves de Sousa, de 41 anos, morador de Heliópolis, na Zona Sul, da capital paulista, foi detido quatro vezes indevidamente nos últimos sete meses ao ser confundido com pelo sistema de reconhecimento facial Smart Sampa, da Prefeitura de São Paulo.

Ailton tem sido confundido com um foragido da Justiça acusado de homicídio em Mato Grosso. As abordagens ocorreram em diferentes situações do cotidiano, como ao sair de casa, no trabalho, durante uma corrida de rua e ao acompanhar a mãe que passaria em atendimento em um UPA (Unidade de Pronto Atendimento). Sem dever nada à Justiça, Ailton relata estar sob constante ansiedade e medo.

“Mesmo sem dever nada, você fica com receio, com medo, com vergonha da situação em si. Eu sou uma pessoa honesta e digna e não devo nada para ninguém”, disse Ailton em entrevista ao SP2, da rede Globo.

Ao ser abordado pelas forças de segurança, os agentes o informaram que ele estava cadastrado no sistema como foragido. Contudo, qualquer olhar mais atento para o nome do suspeito e o de Ailton perceberia que há diversas inconsistências, como diferenças na grafia do sobrenome. Nascido em Santa Tereza do Oeste (PR), o homem foragido tem o sobrenome Souza escrito com a letra “z”, enquanto o paulistano tem seu Sousa com “s”.

Além disso, o homem foragido nasceu em 1972, enquanto Ailton nasceu em 1984, uma diferença de 12 anos que passou “despercebida” pelos agentes. Os sobrenomes da mãe também são diferentes. Em todos os três mandatos encontrados pelos policiais como justificativa não há foto dos procurados.

Mesmo após solicitações do advogado para retirada dos dados do sistema, o erro persistiu, resultando em novas abordagens. A defesa também acionou a Justiça de Mato Grosso e o próprio sistema, sem retorno até o momento.

Intervenção de Flávio Bolsonaro no Paraná causa debandada de prefeitos do PL

O atropelo de Flávio Bolsonaro à direção do PL no Paraná para lançar a candidatura de Sérgio Moro ao governo do estado causou uma verdadeira revolta no partido local. O resultado: o presidente do PL, deputado federal Fernando Giacobo, organizou uma campanha de desfiliação coletiva que contou com a adesão de todos os 53 prefeitos e 80 vice-prefeitos do partido da sigla.

A tentativa bolsonarista de organizar um palanque forte para “Flávio Rachadinha” no Paraná saiu pela culatra. O partido se orgulhava de ser “o primeiro” apoiador do atual governador, Ratinho Jr. (PSD), que seria candidato a presidente e já negociava com o grupo o apoio a seu sucessor. Entretanto, a ordem partida “de cima” para lançar o atual senador Sérgio Moro como candidato avinagrou os planos da direção regional do partido.

“Após confirmação do PL em apoiar a candidatura de Sérgio Moro ao Governo do Estado, a contragosto dos partidários da legenda, as autoridades decidiram deixar o partido”, diz a nota enviada aos veículos de comunicação.

Ignorando por completo a posição local, Moro foi filiado ao PL em uma cerimônia que contou com a presença da prole de Bolsonaro e do presidente (dono) do PL, Valdemar Costa Neto, antiga inimizada do ex-juiz, quando este se colocava como um combatente da corrupção.

“Quero falar com vocês de forma direta e com muita transparência. Estou deixando a presidência do PL Paraná e também me desfilando do partido. Essa é uma decisão pensada, com responsabilidade, e com um objetivo claro: manter firme o nosso apoio ao governador Ratinho Jr. e seguir trabalhando pelos municípios do nosso estado”, afirmou Giacobo em nota.

A debandada não foi pequena. Até agora foram computadas as desfiliações dos principais prefeitos do PL no Paraná. Como é o caso do ex-general Luna e Silva, de Foz do Iguaçu, e Renato Silva, de Cascavel.

“Reestatizar a BR Distribuidora para não ficarmos reféns de monopólios”

Dirigente denuncia desestruturação da cadeia da Petrobrás com privatizações

Em entrevista exclusiva à Hora do Povo, Deyvid Bacelar, presidente da Federação Única dos Petroleiros (FUP) declarou que no governo de Bolsonaro “houve uma desestruturação da cadeia da Petrobrás, que antes era verticalizada – do poço ao posto”. Com o cenário internacional instável e possível alta do petróleo, “o Brasil fica vulnerável, sem controle da cadeia”, afirmou.

O dirigente petroleiro lembrou que a reversão desse quadro é um compromisso do presidente Lula. A entidade participou na terça-feira (25) de uma representação plenária lançando a campanha com lideranças políticas, sindicais e movimentos sociais na defesa da reestatização da BR Distribuidora, da Liquegás e das refinarias. Confira abaixo a entrevista:

Há necessidade de reestatização para evitar que regiões fiquem reféns de monopólios privados. Por exemplo, a refinaria de Manaus hoje pratica os preços mais altos do país e, em muitos casos, nem refina mais, importa combustível. Na Bahia, a refinaria foi vendida a um fundo dos Emirados Árabes, que enfrenta dificuldades e pode vender de volta. Há negociação com a Petrobrás.

Além disso, houve a privatização da BR Distribuidora e da Liquegás. Antes, a Petrobrás controlava uma parte grande da distribuição, funcionando como reguladora de preços. Hoje isso não existe mais. Mesmo quando a Petrobrás reduz preços, distribuidoras e postos aumentam margens. Por isso, o presidente Lula defende a reestatização ou o retorno da Petrobrás à distribuição.

HP – A Petrobrás precisa seguir o preço internacional?

DEYVID – Não. Ela não é obrigada a seguir o preço de paridade de importação. Isso foi adotado no governo Temer. Antes, e agora novamente, a política pode ser baseada nos custos internos e numa margem de lucro.

Como a Petrobrás tem produção, refino, transporte e tinha distribuição, ela consegue amortecer variações externas.

HP – Qual o peso da BR Distribuidora nisso?

DEYVID – É decisivo. A privatização criou a Vibra, e há até restrições contratuais para a Petrobrás usar sua própria marca por um período. Isso prejudica o consumidor e a própria Petrobrás, pois o combustível vendido com a marca pode nem ser dela.

HP – Do ponto de vista financeiro, foi um mau negócio?

DEYVID – Foi bom para quem comprou. A Petrobrás perdeu uma fonte importante de receita. O mesmo ocorreu com gasodutos e outros ativos vendidos por valores que depois se mostraram prejudiciais, já que a empresa passou a pagar pelo uso do que antes era seu.

HP – A FUP está fazendo uma mobilização pela reestatização?

DEYVID – Sim. Realizamos nesta terça-feira (25) uma plenária muito representativa reunindo lideranças políticas, sindicais e movimentos sociais em defesa da reestatização da BR Distribuidora, da Liquegás e das refinarias. Com o cenário internacional instável e possível alta do petróleo, o Brasil fica vulnerável, sem controle da cadeia.

Medidas como redução de impostos ajudam, mas não resolvem estruturalmente. O essencial é a Petrobrás voltar à distribuição.

HP – E a questão que está nos assombrando agora, dos fertilizantes?

DEYVID – Também há o problema dos fertilizantes: o Brasil importa cerca de 90%. Isso impacta diretamente a produção de alimentos. Sem produção interna suficiente, há risco de insegurança alimentar. Energia e fertilizantes são centrais. Por isso, a necessidade de estatização e fortalecimento da Petrobrás nesses setores.

CARLOS PEREIRA

Professores da UERJ aprovam greve contra calote em reajuste

Em assembleia que lotou o auditório da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na última quinta-feira (26), os professores decidiram deflagrar greve da categoria por tempo indeterminado por reacomodamento salarial.

Segundo Associação dos Docentes da UERJ (Asduerj-Setor Sindical do ANDES-SN), a greve acontece após terem se esgotado todas as tentativas de negociação com o governo de Cláudio Castro (PL) – que se afastou do cargo na semana passada para fugir da cassação, mas foi cassado pelo TSE e se tornou inelegível.

A categoria reivindica o pagamento das perdas salariais, com o paga-

mento de duas parcelas da recomposição salarial prevista em lei e acordada em 2021; a recomposição inflacionária recente, o retorno dos triênios, a correção das distorções nos benefícios e ampliação do orçamento da UERJ.

“Essa lei (de 2018) estabeleceu que os benefícios incidiriam só no salário base e não no nosso salário total, de modo que a gente perde 40% do que deveria receber dos nossos benefícios. Os descontos, o IRPF, o Rio Previdência incidem no nosso salário total. Então, a gente paga os descontos no valor total e recebe apenas 60% dos nossos benefícios”, esclarece o presidente da Associação, Gregory Magalhães.



Complexo de vira-lata

ADILSON ARAÚJO*

E a expressão “complexo de vira-lata” foi criada pelo dramaturgo Nelson Rodrigues em 1950 com o propósito de descrever o sentimento de inferioridade e subserviência disseminado em nosso país em relação às nações do chamado 1º Mundo, especialmente os EUA.

É algo muito comum no seio das classes dominantes e de seus líderes e representantes políticos, ou em setores das classes dominantes brasileiras. Temos um bom exemplo da manifestação dessa doença na conduta bizarra e deplorável do senador Flávio Bolsonaro, durante recente conchavo da extrema direita no Texas (EUA).

ENTREGUISMO

Em sua intervenção no encontro fascista, o filho do capitão golpista, hoje amargando a prisão domiciliar, prometeu entregar ao comando dos imperialistas de Washington reservas brasileiras de minerais estratégicos, como as terras raras — como se o Brasil não tivesse competência para gerir seus preciosos recursos naturais.

Orientado por um anticomunismo canhestro e reacionário, o número 1 do clã Bolsonaro procurou justificar o entreguismo, acenando com o fantasma do comunismo chinês. “O Brasil é a solução para que os Estados Unidos não dependam mais da China em terras raras e minerais críticos”, proclamou em troca do apoio do imperialismo à sua campanha para a Presidência da República.

Quando os EUA intervieram, direta ou indiretamente, no cenário político brasileiro, foi em defesa dos seus próprios interesses e invariavelmente contra os direitos do povo, em detrimento da democracia e do desenvolvimento nacional.

62 ANOS ATRÁS

Assim foi no golpe militar de 1964, que teve seus torturadores treinados pelos agentes da CIA e acabou levando o Brasil à bancarrota. No rastro de uma brutal recessão iniciada em 1981, o comando da economia nacional foi entregue ao famigerado FMI, e os generais foram apeados do poder em 1985, após a memorável campanha por eleições diretas para a Presidência.

Convém lembrar que eles também estiveram por trás do golpe do capital contra o trabalho, em 2016, quando instruíram o ex-juiz Sérgio Moro e a força-tarefa da Lava Jato a promover a lawfare que resultou na condenação e prisão do presidente Lula. Antes disso, andaram espionando a presidenta Dilma Rousseff e autoridades do governo brasileiro, bem como empresas como a Petrobrás e a Odebrecht.

Em nações que prezam pela soberania e rejeitam ingerências externas em temas políticos domésticos, o comportamento do senador que enriqueceu ilegalmente com as rachadinhas não seria tolerado, uma vez que configura clara ofensa à dignidade e aos interesses da pátria. Seria punido com a inelegibilidade e até a prisão.

No Brasil, para desgraça dos nativos, as classes dominantes e seus representantes são cúmplices e lacaios do imperialismo, de modo que desprezam os valores, bem como a soberania e a cultura nacionais.

NA CONTRAMÃO DA HISTÓRIA

Embora seja celebrado em círculos frequentados pela alta burguesia e por seus políticos, o complexo de vira-lata, expresso na conduta servil e entreguista, não merece o apoio do povo brasileiro e deve ser rejeitado e condenado nas urnas, inclusive porque tem um alto custo para o desenvolvimento e os interesses nacionais.

Ademais, o alinhamento subserviente do Brasil aos EUA não está em sintonia com as tendências objetivas da história. Os EUA hoje são como a Inglaterra no início do século 20: um império em decadência, líder de uma ordem mundial em franca decomposição, que mais cedo ou mais tarde deve dar lugar a um novo arranjo geopolítico internacional em que a vontade dos imperialistas de Washington já não será predominante.

A megalomania de Donald Trump não pode evitar esse destino, apesar da supremacia militar. Longe de tornar os Estados Unidos “grandes de novo”, o imperialismo descarado do atual chefe da Casa Branca está isolando o país e deve acelerar, em vez de interromper, a transição em curso para uma nova ordem mundial liderada pela China e pelo BRICS.

Isso me parece inevitável, a menos que uma guerra nuclear encerre prematuramente o drama da civilização humana no planeta Terra. O entreguismo do clã Bolsonaro caminha na contramão da história. O futuro do Brasil está no BRICS, no Sul Global e na integração dos países latino-americanos e caribenhos.

*Adilson Araújo é presidente da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB)



Deyvid Bacelar é o presidente da Federação Única dos Petroleiros (FUP)



Conferência Internacional aprova Carta de Porto Alegre e conclama unidade contra o fascismo

Entre os dias 26 e 29 de março, Porto Alegre reuniu cerca de 3,5 mil delegados, lideranças sindicais e de movimentos sociais de mais de 40 países, na 1ª Conferência Internacional Antifascista pela Soberania dos Povos, realizada na Universidade Federação do Rio Grande do Sul.

Ao final do encontro foi aprovada a Carta de Porto Alegre: Unidade Contra o Fascismo e pela Soberania dos Povos, um alerta ao avanço da extrema direita e movimentos autoritários em diversos países, e em defesa da democracia e dos direitos sociais.

O documento reafirma a necessidade de unidade e articulação internacional da classe trabalhadora e dos povos para enfrentar o crescimento de projetos autoritários, o avanço do neoliberalismo e as ofensivas contra direitos sociais, trabalhistas e democráticos.

Para o presidente da CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil), Adilson Araújo, um dos signatários do documento, “enfrentar o

avanço do fascismo exige fortalecer a organização da classe trabalhadora e ampliar a unidade entre os povos”.

Ele ressaltou que “é com mobilização, consciência política e solidariedade internacional que poderemos derrotar a extrema direita e avançar na construção de um projeto baseado na soberania, nos direitos e na justiça social”.

Entre as questões abordadas, o documento destaca o “comboio Nuestra America a Cuba”, ocorrido na semana passada, levando solidariedade ao país agredido pelos EUA, e as gigantes manifestações ocorridas em diversas partes do mundo, inclusive nos Estados Unidos, contra as investidas e guerras de Donald Trump, como importantes marcas da resistência dos povos.

A Carta também ressalta que “o sistema capitalista-imperialista vive uma profunda crise e uma acentuada decadência econômica, social e moral”, e que, em resposta, essas “potências” tem fomentado cada vez mais “o fascismo em toda parte,

a imposição de políticas neoliberais, agressões militares às nações mais fracas e a sua recolonização”.

O texto aponta que, em cada país, “as ameaças fascistas e neoliberais assumem formas particulares, mas têm pontos em comum” como “a eliminação das liberdades democráticas, a destruição dos direitos trabalhistas, a explosão do desemprego estrutural, o desmantelamento da previdência social, a repressão às entidades sindicais e populares, a privatização dos serviços públicos, e políticas de ‘austeridade’ que eliminam todo e qualquer investimento social”.

Os organizadores finalizam o documento comprometendo-se “a continuar a luta sem descanso e como espaço de construção de unidades contra a ascensão da extrema direita e as agressões imperialistas”. E afirmam que, “diante da barbárie, levantamos a bandeira da solidariedade internacional, da luta dos povos e de um futuro socialista”.



HP

CHARGE DO ÉTON

“Deus recusa orações de quem tem as mãos sujas de sangue”, diz o Papa



“Fatos mostram importância da soberania”

“Sem soberania não é possível defender interesses fundamentais”, afirma Putin

“Creio que já não há mais dúvida sobre o que significa soberania no mundo moderno e seu valor”, disse o presidente Vladimir Putin no 35º congresso da União Russa de Industriais e Empresários.

“Sem soberania, é impossível defender seus interesses fundamentais”, ressaltou Putin, alertando para as consequências àqueles países que, em algum momento, voluntariamente renunciaram a essa soberania, acreditando que isso resultaria em um mundo mais pacífico, com custo de vida mais baixo e melhores condições para o desenvolvimento econômico e social.

“Não, o mundo funciona de outro modo: sem soberania, é impossível defender seus interesses fundamentais”, sublinhou o presidente russo.

Ele apontou que a perda de soberania provoca impacto em todas as áreas: infraestrutura de transporte, logística, setor financeiro, bem como nos projetos nacionais como um todo.

TURBULÊNCIA E TRANSIÇÃO

Putin também registrou que as turbulências no comércio e nos investimentos nas relações internacionais estão ocorrendo “com cada vez mais frequência e se tornando uma nova realidade” e acompanham “a transição de toda a economia global para um novo estado”.

Nessas condições – acrescentou –, a Rússia deve se manter forte para “enfrentar os desafios do nosso tempo”.

“Apesar das dificuldades objetivas e das restrições artificiais impostas ao nosso país, conseguimos manter a estabilidade macroeconômica e alcançar taxas de inflação e desemprego sustentáveis e previsíveis”, disse Putin, destacando que a Rússia está trabalhando para garantir o crescimento econômico e enfrentar os desafios sociais.

SANÇÕES ILEGAIS

Putin condenou as sanções ocidentais contra Moscou, introduzidas quando a Crimeia e posteriormente as repúblicas do Donbass foram incorporadas à Federação Russa, em reação ao golpe de 2014 em Kiev.

“Todos conhecemos bem os acontecimentos de 2014, quando a Rússia se viu obrigada, nos forçaram – o que já havia dito muitas vezes – a tomar todas as medidas necessárias para proteger nosso povo: na Crimeia e, mais tarde, no sudeste da Ucrânia em geral. Depois disso, vieram as sanções ilegais. São ilegais – quero enfatizar – porque nunca foram respaldadas por decisões da Organização das Nações Unidas”, explicou o presidente russo.

O presidente russo também se pronunciou sobre as “consequências imprevisíveis” do conflito no Oriente Médio, comparando a atual crise à pandemia do coronavírus, que “retardou drasticamente o desenvolvimento de todas as regiões e continentes, sem exceção”. “As consequências do conflito no Oriente Médio são difíceis de prever com precisão. Parece-me nem os envolvidos no conflito conseguem prever nada, e para nós, isso é ainda mais difícil”, afirmou.

O presidente enfatizou que o nível de inquietação e tensão aumentou nos mercados globais e que o conflito no Oriente Médio está agravando a situação, interrompendo as cadeias internacionais de logística, produção e cooperação.

“Setores inteiros da indústria relacionados à extração e ao processamento de hidrocarbonetos, metais, produção de fertilizantes e muitos outros bens foram afetados”.

AVANÇAR NAS PARCERIAS

Chamando à intensificação das parcerias com os países amigos e o BRICS, Putin destacou que isso é “essencial para responder aos desafios extraordinários da atualidade e para estabelecer uma trajetória de crescimento sustentável e de longo prazo para a economia nacional, no contexto da transformação global, que não só cria ameaças, como também abre oportunidades, especialmente para os exportadores”.

O presidente russo exortou os industriais russos a participarem ativamente do recém criado Comitê Nacional de Cooperação Empresarial dos BRICS e a desenvolverem propostas para o fortalecimento dos laços econômicos dentro dos BRICS e novos projetos inovadores com parceiros nas áreas de ciência, inovação, indústria, agricultura, infraestrutura e logística.

ALTA TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Putin destacou a importância de manter o desenvolvimento progressivo do país, aumentar a competitividade da economia nacional e fortalecer a posição das empresas nacionais nos mercados interno e externo, sinalizando que o fortalecimento da soberania russa é indispensável para esses objetivos.

Ele agradeceu aos industriais por sua contribuição para a recuperação econômica do Donbass e Novorússia. “A confiança e a cooperação sólida entre o Estado e as empresas são especialmente importantes hoje em dia, quando o nível de incerteza e até mesmo de tensão aumentou drasticamente em todo o mundo e nos mercados globais.”

O presidente russo se comprometeu em continuar incentivando o investimento empresarial na modernização de empresas e instalações de produção “utilizando nossa própria tecnologia”. “Apoiaremos particularmente a implementação de soluções em três tecnologias transversais essenciais: inteligência artificial, sistemas autônomos e plataformas digitais.”



Papa Leão XIV se dirige a Trump para exigir fim à guerra ao Irã

Regime fascista de Israel aprova pena de morte só para palestinos

Ben Gvir, ministro do apartheid, usou broche de força e estourou champanhe para festejar a aprovação da medida draconiana.

Enquanto isso, do mundo inteiro partem condenações à iníqua e abertamente racista lei de enforcamento de palestinos, recém aprovada pelo Knesset, o parlamento israelense. A “lei da força” estabelece a pena de morte para indivíduos que “causam intencionalmente a morte de uma pessoa com o objetivo de negar a existência do Estado de Israel”, a ser executada em até 90 dias e não prevê indulto. Até aqui, a pena de morte existia como exceção na legislação israelense, e foi aplicada apenas duas vezes desde 1948, uma delas contra o carrasco nazista Adolf Eichman.

A lei da força aplica a pena de morte só a palestinos, julgados por tribunais militares, e exclui todos cidadãos ou residentes israelenses. Estes tribunais podem, inclusive, dispensar a participação do Ministério Público local e de uma denúncia formal. Proposto pelo partido do ministro da “Segurança Nacional”, isto é, da Ocupação, Ben Gvir, foi aprovado por 62 a 48.

Desmontando salvaguardas legais básicas, “lei da força” permite que sentenças de morte sejam emitidas por maioria simples dos juízes. A Autoridade de Palestina denunciou que a lei “busca legitimar execuções extrajudiciais de palestinos” e viola as Convenções de Genebra e a lei humanitária. Reiterou que Israel “não tem soberania sobre terra palestina”.

Já o ladrão de terra alheia e “judeu nazista”, Gvir, usou broche dourado de força e estourou champanhe para festejar a aprovação da lei do enforcamento. “Em breve, vamos contá-lo um por um”, jactou-se o ministro.

Como denunciou o portal Middle East Eye, “especialistas jurídicos e grupos de direitos humanos alertam que a medida formaliza efetivamente



Gvir usou broche copiando corda da força no parlamento

um sistema de justiça em dois níveis — um para israelenses e outro para palestinos — em um momento em que milhares de palestinos permanecem presos em condições amplamente documentadas como abusivas”. “A lei surge em meio ao genocídio contínuo de Israel em Gaza e à escalada da repressão nos territórios ocupados, aumentando o temor de uma mudança política mais ampla rumo à execução institucionalizada”.

Como diversos representantes do regime de apartheid israelense deixaram claro nos últimos três anos de genocídio em Gaza, todos os palestinos são inerentemente “terroristas” e “sub-humanos”, “não existem inocentes” entre palestinos, nem mesmo crianças — e é nesse quadro que a “lei” será aplicada.

O centro jurídico palestino -israelense Adalah imediatamente contestou a lei de Gvir na Suprema Corte de Israel. “Essa lei é a única no mundo que discrimina réus com base na etnia”, disse o diretor Hassan Jabareen, acusando-a de “racista” e enfatizando que ela mira exclusivamente os palestinos.

De acordo com o Clube dos Prisioneiros Palestinos, cerca de 9.500 palestinos e árabes estão atualmente detidos em prisões israelenses.

Na véspera da votação, os ministros das Relações Exteriores da Alemanha, França, Itália e Reino Unido haviam exortado as autoridades israelenses a abandonarem o projeto, denunciando seu caráter discriminatório, e classificando

o enforcamento como “desumano e degradante”.

A Anistia Internacional exigiu sua revogação imediata, advertindo que, com taxas de condenação superiores a 90% para os palestinos, a lei permite “sentenças de morte quase obrigatórias em até 90 dias”, efetivamente retirando aos réus “proteções legais significativas”.

A Anistia também considerou a aplicação da nova lei como “um crime de guerra completo”.

No mês passado, um grupo de especialistas da ONU pediu a Israel que retirasse a legislação, alertando que “sentenças de morte obrigatórias são contrárias ao direito à vida”.

Eles também levantaram preocupações sobre o uso proposto do enforcamento, dizendo que isso “equivalaria a tortura ou outra punição cruel, desumana ou degradante segundo o direito internacional”.

PENA DE MORTE RACISTA

“Outro passo na direção do apartheid”, condenou o primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez. “Mesmo crime, punição diferente. Isso não é justiça. O mundo não pode ficar em silêncio”, conclamou.

A líder do partido França Insuportável na Assembleia francesa, Mathilde Panot, denunciou que a lei de Gvir-Netanyahu estabelece “uma pena de morte racista contra os palestinos.”

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

“Guerra ao Irã obriga norte-americanos a cortar refeições”, diz líder democrata no Senado

Os norte-americanos estão pulando refeições por não conseguirem arcar com as despesas devido ao aumento nos preços. E isso está ligado à alta no preço do barril de petróleo devido à guerra desenfiada no Irã, disse o líder da minoria no senado americano, Chuck Schumer.

“Os americanos já estão pulando refeições graças à imprudente guerra sem freios de Trump no Irã, e este é apenas mais um exemplo de como seu caos está tornando mais difícil pagar comida”, disse Schumer em uma postagem no X.

“A medida que os cortes sem coração do SNAP (programa de assistência de alimentação) de Trump forem entrando em vigor no próximo ano, as famílias de menor renda só terão mais dificuldades para alimentar seus filhos à medida que os preços



Supermercados nos EUA estão ficando vazios

aumentam”, acrescentou. Na postagem ele faz uma citação de uma reportagem da CNN que aborda o forte aumento dos preços dos combustíveis, devido ao bloqueio iraniano ao Estreito de Ormuz e como isso está obrigando cidadãos americanos a cortarem os gastos com alimentação.

Em 28 de fevereiro, os

americanos e israelenses executaram um ataque conjunto não provocado contra o Irã, matando civis e membros da liderança iraniana. Em resposta, os iranianos atacaram bases e instalações militares americanas e contra o território israelense. Também fecharam o Estreito de Ormuz, por onde passam 20% do petróleo mundial.

Papa Leão XIV rechaçou “líderes que iniciam guerras e têm as mãos cheias de sangue”. Pronunciamento marcou Domingo de Ramos e também o início do segundo mês da guerra de agressão americano-israelense contra o Irã

Para o papa o ataque ao Irã é “atroz” e Jesus nunca poderá ser invocado para que apóie uma guerra dessas.

No discurso proferido na Praça de São Pedro, durante as celebrações que marcam o início da Semana Santa para 1,4 bilhão de católicos do mundo, ele ressaltou que “este é o nosso Deus: Jesus, Rei da Paz”.

Dirigindo-se diretamente ao inquilino da Casa Branca, o Papa enfatizou: “Soube que o presidente Trump declarou recentemente que gostaria de pôr fim à guerra”.

Prosseguindo, em tom de dúvida, conclamou: “Espero que ele esteja buscando uma saída. Espero que ele esteja buscando uma maneira de diminuir a violência e os bombardeios, o que seria uma contribuição significativa para eliminar o ódio que está sendo gerado e que aumenta constantemente no Oriente Médio e em outros lugares”.

Indignado, o Papa acrescentou que a “morte e a dor provocadas por estas guerras são um escândalo para toda a família humana e um clamor diante de Deus”.

CONSTERNAÇÃO

O Papa destacou ainda que continua “observando com consternação a situação no Oriente Médio” e que esse tipo de violência faz com que “outras regiões do mundo sejam dilaceradas pela guerra. Não podemos ficar em silêncio diante do sofrimento de tantas pessoas, vítimas inocentes destes conflitos”.

Para mostrar até que ponto Jesus rejeita as “orações dos que fazem guerra”, ele citou uma passagem da Bíblia que diz “Multipliquem as suas orações, eu não as ouvirei, porque as suas mãos estão cheias de sangue”.

O firme posicionamento do Papa veio logo após a informação de que autoridades norte-americanas invocaram a linguagem cristã para justificar os ataques conjuntos entre EUA e Israel contra o Irã em 28 de fevereiro, que deram início à guerra.

O secretário de “Defesa” dos EUA, Pete Hegseth, que começou a liderar cultos de oração

cristãos no Pentágono, orou em um culto na quarta-feira pedindo “ação violenta e avassaladora contra aqueles que não merecem misericórdia”.

Diante de tamanha diatribe da Casa Branca, Leão XIV afirmou ainda que “Jesus revelou a face gentil de Deus, que sempre rejeita a violência”.

O Papa pediu o fim do conflito e que todos rezem pelos feridos: “Mesmo enquanto a Igreja contempla o mistério da Paixão do Senhor, não podemos esquecer aqueles que, hoje, participam concretamente em seu sofrimento”.

“Elevemos nossa oração ao Príncipe da paz, para que sustente os povos feridos pela guerra e abra caminhos concretos de reconciliação e de paz”, continuou o pontífice.

O apelo do Papa a Trump e aos líderes mundiais: encontrem uma solução para pôr fim à guerra

O pontífice chamou os líderes mundiais a se voltarem “à mesa de diálogo e à busca de soluções para reduzir a violência”.

“Que a paz, especialmente na Páscoa, reine em nossos corações”, disse, destacando que “deveria ser o tempo mais santo, mais sagrado de todo o ano. É um tempo de paz, é um tempo de muita reflexão, mas, como todos sabemos, novamente no mundo, em muitos lugares, estamos vendo muito sofrimento, muitas mortes, inclusive de crianças inocentes”.

PROMOÇÃO DO ÓDIO

“Continuamente fazemos apelos pela paz, mas, infelizmente, muitas pessoas querem promover o ódio, a violência, a guerra”, destaca o Pontífice, que por isso pede a todos, “sobretudo aos cristãos”, que “vivam estes dias reconhecendo que Cristo continua crucificado hoje, Cristo continua sofrendo no meio dos inocentes, especialmente naqueles que estão sofrendo por causa da violência, do ódio e da guerra”.

“Rezemos por eles, pelas vítimas da guerra, rezemos para que haja realmente uma paz nova, renovada, que possa dar nova vida a todos”, é, em resumo a exortação do Papa Leão XIV.

Farsa mantém o presidente Nicolás Maduro preso nos EUA e barra acesso a fundos para sua defesa

Juiz trumpista descarta arquivamento do processo injustificado movido contra Nicolás Maduro e sua esposa Cilia Flores e os mantém sequestrados

Dando continuidade ao processo movido por suposto “narcotráfico” e “corrupção” contra o presidente sequestrado da Venezuela, Nicolás Maduro e sua esposa, Cilia Flores, o juiz federal de Nova Iorque descartou nesta quinta-feira (26) o arquivamento do caso, embora deixando em aberto a possibilidade de analisar se Caracas poderia ou não arcar com as despesas legais do processo.

A farsa judicial não permitiu sequer que o governo venezuelano garantisse os recursos necessários à defesa, uma vez que os fundos se encontram sob bloqueio estadunidense.

“Não vou arquivar o caso”, afirmou o juiz Alvin Hellerstein, reiterando na segunda audiência a sintonância com as determinações do ditador Donald Trump de que os “crimes” do casal – acusações sem qualquer prova – têm penas potenciais de prisão perpétua.

Numa clara interferência no processo, Donald Trump havia acusado no dia anterior que Maduro era “um homem perigoso que matou muita gente e mandou gente para o nosso país”. “Ele esvaziou as prisões da Venezuela para mandar gente para cá. Espero que ele seja processado. Ele esvaziou as prisões para que pudessem vir para o nosso país. Ele era um dos principais fornecedores das drogas que chegam ao nosso país”, mentiu o ditador.

PROTESTO

Diante dos manifestantes que se concentraram em frente ao Tribunal e exposto a uma situação tão bizarra quanto o acesso a recursos venezuelanos congelados pelas sanções dos Es-

tados Unidos para o pagamento de honorários advocatícios, o juiz Hellerstein precisou recuar e dizer que não considera Maduro “uma ameaça à segurança nacional”. Afinal, Maduro está preso, uma nuance que mina diretamente o argumento do governo norte-americano para bloquear o uso desses fundos. “Não vejo um interesse persistente de segurança nacional que se sobreponha ao direito de auto-defesa”, reiterou, acrescentando que esse direito “é primordial”.

Embora reconhecendo que o governo Trump “tem o direito de bloquear os fundos”, Hellerstein sugeriu que a licença que autorizava os pagamentos pode ter sido “retida arbitrariamente”. O juiz não estabeleceu um prazo para a decisão e deixou em aberto a possibilidade da defesa solicitar novamente o arquivamento do caso se o Tesouro não corrigir a situação.

A promotoria argumentou que permitir o acesso aos recursos para a defesa prejudicaria o regime de sanções, concebido precisamente para impedir que Maduro e seu círculo íntimo se apropriem de recursos do Estado. O promotor Kyle Wirshba também enfatizou que essas sanções foram impostas devido ao suposto desvio de fundos públicos em Caracas.

A defesa contestou, assinalando que o congelamento viola direitos constitucionais. O advogado Barry Pollack frisou que seus clientes “têm todo o direito de usar” fundos venezuelanos para financiar proteção e que foi justamente para garantir equidade no acesso à Justiça, que são possibilitados recursos para a defensoria pública aos que se encontram sem meios.

Maduro e Flores compareceram ao tribunal vestidos com uniformes de presidiários.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br



Irã reage à agressão dos EUA e de Israel

Um mês da agressão ao Irã: EUA e Israel estão nas cordas, avalia Ben Norton

O Irã respondeu à guerra de agressão que os Estados Unidos e Israel lançaram contra ele em 28 de fevereiro usando táticas não convencionais.

Enquanto os EUA e Israel assassinam sistematicamente autoridades iranianas e bombardeiam escolas, hospitais e áreas residenciais, Teerã defendeu sua soberania engajando-se em uma campanha de guerra econômica assimétrica, não apenas atacando bases militares americanas na Ásia Ocidental, mas também atacando grandes corporações americanas e até desafiando o domínio do dólar.

ESTREITO DE ORMUZ

Após fechar o Estreito de Ormuz, o ponto de trânsito de petróleo mais importante da Terra, o Irã perturbou os mercados globais de energia e confrontou diretamente o sistema petrodólar, exigindo que os navios que desejam passar pelo estreito vendam seu petróleo na moeda chinesa, o renminbi (também conhecido como yuan), e não em dólares.

Dessa forma, o Irã demonstrou que é possível para um país de porte médio no Sul Global resistir ao império dos EUA. Os Estados Unidos têm o exército mais poderoso do mundo. Gasta aproximadamente 1 trilhão de dólares em suas forças armadas todos os anos, enquanto o orçamento de defesa do Irã é inferior a 10 bilhões — ou seja, apenas 1% do dos EUA.

Dada a clara disparidade na força militar convencional, o Irã reconheceu que precisava se engajar em uma guerra assimétrica. Estrategistas militares iranianos identificaram os pontos fracos do império dos EUA e habilmente miraram nessas vulnerabilidades. Imediatamente após o início dessa guerra de agressão pelo governo Donald Trump, o Irã retaliou, atingindo cerca de duas dezenas de bases militares americanas hospedadas pelos países vizinhos da Ásia Ocidental.

Teerã também atingiu uma importante estação da CIA localizada dentro da embaixada dos EUA na Arábia Saudita, além de sistemas de radar cruciais e vários aviões de reabastecimento da Força Aérea dos EUA. O Irã tem permissão para responder à agressão de EUA e Israel, de acordo com o direito internacional. O Artigo 51 da Carta da ONU garante o direito do Estado à legítima defesa.

Teerã fechou o Estreito de Ormuz, que a Administração de Informação Energética (EIA) do governo americano descreveu como “o ponto de trânsito de petróleo mais importante do mundo”. Antes dessa guerra, cerca de 20% do petróleo negociado no mercado global passava diariamente por esse estreito. Desde que o governo Trump iniciou essa guerra de escolhas, o trânsito parou.

ALTA DO PREÇO DO PETRÓLEO

Um porta-voz do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica do Irã (IRGC) disse que eles não permitirão que “um litro de petróleo” passe pelo estreito, até que os EUA e Israel encerrem sua guerra de agressão. “Você não poderá baixar artificialmente o preço do petróleo. Espere petróleo a \$200 por barril”, disse o porta-voz, segundo a Al Jazeera. “O preço do petróleo depende da segurança regional, e vocês são a principal fonte de insegurança na região”, acrescentou o IRGC.

Essa guerra de agressão de EUA e Israel criou o que a Agência Internacional de Energia (EIA) descreve como “a maior interrupção no fornecimento da história do mercado global de petróleo”. O preço do petróleo disparou de cerca de 60 dólares por barril em janeiro de 2026 para bem mais de 100 dólares. No entanto, embora o Irã tenha fechado o Estreito de Ormuz, fez uma exceção importante. Teerã afirmou que petroleiros chineses podem passar pelo ponto de estrangulamento do petróleo, sem impedimentos.

Este é um desenvolvimento geopolítico extremamente importante. É um desafio direto à dominação global do dólar americano. O dólar é a arma mais poderosa que o império dos EUA possui — muito mais poderosa que seu exército. O fato de o dólar ser a moeda de reserva global, e de os EUA serem o único país com a capacidade de imprimi-lo, lhe confere o que é conhecido como um “privilégio exorbitante”.

INFLAÇÃO E CRISE MUNDIAL

Os EUA podem manter déficits gigantescos com o resto do mundo — déficits crônicos em conta corrente superiores a 1 trilhão de dólares por ano — sugando bens e serviços produzidos por trabalhadores estrangeiros, e não enfrentam a depreciação cambial e as pressões inflacionárias que outros países sofreriam, porque há demanda artificial pelo dólar, dado seu status de moeda de reserva.

Esse privilégio exorbitante também ajuda os EUA a manterem os custos de empréstimos relativamente baixos, já que os dólares enviados para o exterior para pagar importações são frequentemente reciclados por investidores estrangeiros em títulos do Tesouro dos EUA e títulos corporativos, reduzindo assim rendimentos e taxas de juros tanto para o setor público quanto para o privado.

* Benjamin (Ben) Norton é jornalista norte-americano, analista e economista político. Ben é fundador e editor do Geopolitical Economy Report. Após anos na América Latina, agora mora em Pequim, China.

Artigo publicado originalmente em GE
Leia a íntegra no site da Hora do Povo

Milhões nas ruas dos EUA rejeitam o ditador Trump e sua guerra no Irã



Cartaz na multidão: “Não é minha voz; não são meus valores, não é meu presidente”

“Trump precisa ser parado”, diz Robert De Niro, após protesto gigante contra a guerra e o fascismo

O ator norte-americano Robert De Niro apoiou integralmente as manifestações gigantes que ocorreram no sábado (28) em mais de três mil cidades dos Estados Unidos e que mobilizaram milhões de pessoas contra as atrocidades de Donald Trump.

“Eu apoio este movimento 150%”, disse o ator, que participou da marcha em Nova Iorque. “Está na hora de dizermos não aos reis! É hora de dizermos ‘não a Donald Trump!’”, afirmou De Niro.

“Nós já tivemos o suficiente. Não ao rei Trump!”, conclamou o artista que, junto com outros, ajudou a convocar uma das maiores manifestações de protesto que já ocorreram na história dos Estados Unidos.

Tanto os manifestantes quanto o ator de Hollywood declararam bem alto: “nenhuma guerra desnecessária!”. “Estas são guerras que roubam nossos recursos, que sacrificam nossos bravos soldados e soldadas e massacram inocentes”, denunciou Robert De Niro.

Ele denunciou Trump, e disse que o país precisa derrotá-lo. “Não queremos nenhum líder corrupto enriquecendo a si mesmo e aos colegas da



De Niro em entrevista após a manifestação em NY

turma Epstein”, afirmou. “Não aceitamos que se tirem os cuidados com a saúde dos nossos vizinhos mais vulneráveis. Não queremos que as pessoas fiquem sem os mantimentos para sobreviverem”, prosseguiu De Niro.

O ator também criticou a economia dos Estados

Unidos. “Não aceitamos nenhuma energia inaceitável e chega de inflação, que está tão alta quanto na Covid”, denunciou. “Não aceitamos nenhum governo de bandidos mascarados atirando em nossos vizinhos nas ruas. Trump precisa ser parado”, completou o ator de Hollywood.

Trump recua e navio russo fura bloqueio e atraca em Cuba com 730 mil barris de petróleo

Tremulando a bandeira russa e transportando mais de 730 mil barris de petróleo bruto (100 mil toneladas), chegou nesta segunda-feira em Cuba (30) o navio Anatoly Kolodkin. Conforme o Ministério dos Transportes, o petroleiro encontra-se atracado no porto de Matanzas, aguardando o descarregamento.

Desafiando as sanções econômicas e o bloqueio econômico imposto por Donald Trump ao país caribenho, esta estratégica ajuda humanitária marca a primeira chegada de um petroleiro à Ilha após três meses de um bloqueio que deixou os 10,9 milhões de cubanos — incluindo escolas, hospitais e até mesmo Unidades de Terapias Intensivas (UTIs) — reféns de apagões.

O agravamento do cerco trumpista foi imposto à nação caribenha após a assinatura, em janeiro passado, da Ordem Executiva que designa Cuba como “uma ameaça real e extraordinária à segurança nacional dos EUA” — algo totalmente desmentido por várias autoridades norte-americanas.

“Em condições de um bloqueio muito severo, nossos amigos cubanos precisam de derivados de petróleo e petróleo bruto; isso é necessário para o funcionamento dos sistemas de suporte à vida no país, para a geração de eletricidade e para o fornecimento de serviços médicos e outros à população. E, naturalmente, a Rússia considera seu dever não ficar de braços cruzados e fornecer a assistência necessária aos nossos amigos cubanos”, declarou o porta-voz da presidência russa, Dmitry Peskov, comemorando o desembarque do petroleiro.

Conforme o porta-voz, Mos-



Porta-voz da presidência russa anunciou novos navios

cou está empenhada em fornecer mais petróleo a Cuba. “Continuaremos trabalhando, repito, dada a situação desesperadora que os cubanos enfrentam agora. Isso, é claro, não pode nos deixar indiferentes, então continuaremos trabalhando nessa questão”, assinalou Peskov.

Trump tentou minimizar as críticas de que permitir a passagem do navio russo beneficiaria o presidente Vladimir Putin. “É apenas uma carga de petróleo a menos, nada mais. Se ele quer fazer isso, e se outros países também querem, não me incomodem um pouco”, disse.

Segundo a rede de televisão internacional Russian Today (RT), o navio fez a viagem escoltado por embarcações militares russas apenas na área do Canal da Mancha.

Especialistas e representantes da Organização das Nações Unidas (ONU) têm condenado intensamente as medidas dos Estados Unidos que impõem o bloqueio ao fornecimento de combustível e petróleo a Cuba, ações coercitivas consideradas como asfixia econômica com o propósito de gerar um co-

lapso humanitário.

A presidente do México, Claudia Sheinbaum, afirmou que seu governo está empenhada em retomar o abastecimento de petróleo a Cuba, pois o país “tem todo o direito de enviar combustível, seja por razões humanitárias ou comerciais, mas não queremos sobrecarregar o México com tarifas mais altas”. “Se enviássemos petróleo, as tarifas seriam reduzidas posteriormente; e sempre buscamos enviar ajuda humanitária”, declarou a presidente, condenando as sanções impostas pelo governo Donald Trump pelo bloqueio de fato ao petróleo que mantém contra a nação caribenha.

Questionada na manhã desta segunda-feira sobre as informações divulgadas no dia anterior apontando que os Estados Unidos teriam “aliviado” o bloqueio ao permitir a entrada do petroleiro russo, a presidente disse que estão sendo feitos esforços para permitir que o México retome rapidamente os seus envios.

Leia íntegra no site do HP

Evento central em Saint Paul, Minnesota, contou com presenças do senador Bernie Sanders, da cantora Joan Baez, da atriz Jane Fonda, além de uma apresentação de Bruce Springsteen

Milhões de americanos voltaram às ruas neste sábado (28) em todos os 50 estados do país em manifestações sem precedentes contra o autoritarismo de Trump e sua guerra contra o Irã. Esta é a terceira mobilização nacional em menos de um ano convocada sob o lema “No Kings” (“Sem Reis”), que se consolidou como o principal movimento de contestação desde o retorno do republicano à Casa Branca.

Segundo os organizadores, mais de 3.100 eventos foram registrados nos 50 estados e estima-se participação superior a 9 milhões de pessoas.

Desta vez, o descontentamento é impulsionado por uma guinada de ameaças de caráter fascista e, especialmente, pelo envolvimento militar dos EUA em uma guerra no Irã, travada em conjunto com Israel, sob objetivos e prazos frequentemente alterados pela Casa Branca.

As mobilizações espalharam-se por metrópoles como Washington, Boston e Atlanta. Nesta última, o veterano militar Marc McCaughey, de 36 anos, resumiu o sentimento dos presentes à agência AFP, afirmando que nenhum país pode ser governado sem o consentimento popular e que a Constituição encontra-se sob grave ameaça. O clima de urgência levou manifestantes a enfrentarem temperaturas negativas em West Bloomfield, no Michigan, enquanto na capital federal a multidão cruzou o rio Potomac em direção ao Lincoln Memorial, local emblemático das lutas históricas por direitos civis.

ESTRELAS DE CINEMA

O evento central, ocorrido em Saint Paul, Minnesota, próximo a Minneapolis, teve as presenças de figuras políticas e culturais como o senador Bernie Sanders, além da cantora Joan Baez, da atriz Jane Fonda, além de outras lideranças, como a cantora Maggie Rogers, lideranças sindicais e autoridades eleitas.

Também aconteceu em Saint Paul uma apresentação de Bruce Springsteen, que interpretou “Streets of Minneapolis” (Ruas de Minneapolis), música escri-

ta em resposta às mortes de Renee Good e Alex Pretti e em homenagem aos milhares de moradores do estado que participaram de protestos durante o inverno. A turnê “Land of Hope & Dreams American Tour”, do músico, que também adota o tema “No Kings”, tem início previsto para a próxima terça-feira em Minneapolis.

A polarização política americana permanece nítida. Se de um lado os apoiadores do movimento MAGA mantêm a veneração ao presidente, do outro, os críticos denunciam o uso de decretos, a instrumentalização do Departamento de Justiça contra opositores, o negacionismo climático e o desmonte de programas de diversidade. Naveed Shah, da associação de veteranos Common Defense, acusou a administração de arrastar o país para conflitos externos enquanto militariza a segurança interna, vitimando cidadãos e comunidades imigrantes.

A onda de protestos ecoou com força na Europa, com atos registrados em Madri, Amsterdã e Roma. Na capital italiana, cerca de 20 mil pessoas marcharam sob vigilância policial, entre elas a pesquisadora Andrea Nossa, de 29 anos, que reforçou a rejeição a um modelo de governança “de cima para baixo”.

O objetivo declarado é ampliar ainda mais a escala das mobilizações anteriores, após a onda de protestos, em junho de 2025, ter reunido vários milhões de pessoas, e a segunda, em outubro, ter atraído cerca de sete milhões de participantes, segundo estimativas do próprio movimento.

Estatisticamente, o movimento “No Kings” apresenta uma trajetória de crescimento: a primeira edição, em junho de 2025, reuniu milhões de pessoas em todo o país no dia do aniversário de 79 anos de Trump e durante um desfile militar em Washington. O número que saltou para cerca de sete milhões em outubro. Para este sábado, os organizadores registram um recorde de participação, sustentado pelo baixo índice de aprovação de Trump — atualmente em torno de 40% — e pela proximidade das eleições de meio de mandato em novembro, que ameaçam a maioria republicana no Congresso.

Justiça freia ataque de Milei a direitos

A Justiça Nacional do Trabalho da Argentina suspendeu nesta segunda-feira (30) mais de 80 dos 218 artigos da reforma laboral de Javier Milei que apresentavam indícios “sérios e graves” de inconstitucionalidade, afetando princípios como a liberdade sindical e a irrenunciabilidade de direitos. Com esta mesma compreensão, ao menos cinco tribunais do país já decidiram, em primeira instância, que inúmeros artigos ferem de morte a Constituição.

Para o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), autor da ação judicial, e que pressiona desde as ruas para que as retrógradas medidas sejam derrubadas, é essencial a continuidade da mobilização da sociedade.

“A mal chamada Lei de ‘Modernização’ do Trabalho implica uma redução no âmbito da proteção trabalhista, uma degradação das condições de trabalho e um enfraquecimento da atuação sindical, o que viola os compromissos internacionais assumidos pela Argentina em relação aos direitos humanos e trabalhistas”, afirmou o CGT, liderada pelos sindicalistas Jorge Sola, Octavio Argüello e Cristian Jerónimo.

Em contraposição ao período nacional-desenvolvimentista de Juan Domingo Perón (presidente de 1946 a 1952, de 1952 a 1955 e de 1973 a 1974), a selvageria neoliberal queria impor a ampliação da jornada de

trabalho para 12 horas diárias sem pagamento de horas extras, a redução do valor e o parcelamento das indenizações por demissão, restrições ao direito de greve e inúmeras regras que dificultavam o reconhecimento do vínculo empregatício. Também perdia efeito a regra que eliminava o princípio de interpretação da lei em favor do trabalhador, e deixavam de valer as que limitavam assembleias, reduziam a atuação de representantes e restringiam a proteção sindical. Da mesma forma, em detrimento das Convenções Coletivas, passavam a valer os “acordos” assinados a portas fechadas com as empresas, abrindo espaço a “negociações” para redução salarial.

Reconhecendo que dezenas de artigos da reforma laboral representam uma “violação dos direitos constitucionais” com o risco de “danos iminentes” para os trabalhadores, o juiz Raúl Horacio Ojeda ordenou que seja freada sua execução até a emissão de uma sentença definitiva. Além disso, a decisão reconhece que a CGT “tem legitimidade para contestar os artigos mencionados”, que estão relacionados com os “direitos de sindicalização, negociação coletiva e greve”.

Especificamente em relação à imposição do chamado Fundo de Assistência ao Trabalhador (FAL), que substituiria o modelo de indenização por demissão, o juiz alertou haver indícios de ser um mecanismo que pode reduzir a proteção social.

Leia mais no site do HP

A literatura como expressão social

[O artigo abaixo foi originalmente publicado no site da Fundação Maurício Grabois (FMG), com o título Literatura como expressão social: de Flaubert a José Lins do Rego.

As modificações realizadas para esta republicação foram muito pequenas, e muito ligeiras, ou seja, sem prejuízo do conteúdo.]

CARLOS LOPES

Felicite, a personagem de Flaubert em *Un coeur simple* (Um coração simples), o primeiro dos **Trois Contes** (Três Contos), está quase no último degrau da escala social, sobretudo na época em que o livro foi publicado (1877), embora a história transcorra principalmente na primeira metade do século XIX, o que, nesse caso, somente enfatiza o seu lugar na sociedade francesa.

Empregada no campo, acaba por emigrar para Pont-l'Évêque, na Normandia, onde torna-se a dedicada criada de Madame Aubain, uma viúva que tem dois filhos, com os nomes dos personagens da obra mais conhecida de Bernardin de Saint-Pierre (Paul e Virginie).

Existem outras coincidências – inadvertidas ou propositalmente – em relação a Saint-Pierre, a começar pelo nome de sua esposa, que era, também, Felicité, e de seus filhos, que eram, também, Paul e Virginie.

A maioria dos textos sobre *Un coeur simple* focaliza a maestria de Flaubert, ao escrever um conto sobre uma vida em que nada acontece. Lembro-me, especialmente, de um professor que conheci no Rio de Janeiro, francês radicado no Brasil, que, baseado nessa premissa, comparava esse conto com o extraordinário **Uma Vida em Segredo** (1964), do escritor mineiro Autran Dourado, e, portanto, Felicité com Biela, a personagem de Dourado.

Entretanto, essa interpretação – e esse paralelo – é falso, ou, pelo menos, duvidoso.

Muita coisa acontece na vida de Felicité. Aliás, seu nome (“Felicidade”) é o primeiro choque da narrativa. Pois, se não é possível dizer que ela é feliz, ou que teve uma vida feliz, também não é possível dizer que ela foi infeliz.

Mas sua capacidade de amar é a qualidade mais notável de sua vida. Ela ama Théodore, que a abandona por uma mulher rica. Ama Virginie, a filha da viúva Aubain, a quem acompanha até o túmulo. Ama seu sobrinho, que morre na América, de febre amarela. Ama a própria viúva Aubain, apesar da pouca expansividade desta. E, finalmente, ama Loulou, seu papagaio, a quem vê, magnífico, como um espírito em seu leito de morte.

Todos – inclusive o papagaio – morrem antes dela. Mas essa capacidade de amar, em alguém tão pobre, tão desvalida, tão ignorante, mostra uma vida plena de acontecimentos. É verdade, esses acontecimentos não são aventuras ao estilo de Dumas, porém seres que ela encontra – e que são, dentro da sociedade, e suas referenciais, ainda que inconscientes, de classe.

Comparado ao conto seguinte do mesmo livro, *La légende de Saint-Julien l'hospitalier* (A lenda de São Julião o hospitaleiro) e ao outro, *Hérodias* (Herodias), *Un coeur simple* parece um monumento social. Mas é um engano a percepção de que nos dois contos restantes, Flaubert abandonou a pretensão de analisar literariamente a sociedade.

Em “São Julião”, temos a reconstituição de como os homens da Idade Média sentiam a sua sociedade, uma reconstituição algo tenebrosa, do nosso ponto de vista atual.

E, em “Herodias”, a narrativa do sacrifício de Iokanaan (São João Batista), pior ainda – pois é o retrato de uma nação esmagada pela invasão romana, pelos idumeus, etc., etc.

Flaubert, desde **Madame Bovary** (1856), encontrou na sociedade a fonte de seu realismo, que moldaria a literatura no século XIX – e mesmo no século XX. Nisso, ele foi mais importante do que Balzac ou os romancistas ingleses, embora essas comparações padeçam de terrível relatividade. Mas, ler, além de “Bovary”, por exemplo, **L'Éducation Sentimentale** (A Educação Sentimental), de 1869, é conhecer profundamente a sociedade francesa do século XIX.

Un coeur simple, no entanto, parece a síntese desse conhecimento, talvez pelo pequeno tamanho do texto. Sua personagem, mais do que em outras obras, é o próprio povo francês, reduzido à miséria, mas nem por isso desprovido da capacidade de amar – ou desprovido da aspiração à felicidade, a partir do nome da protagonista.

Existe algo, enfim, notável, também, mas que, de certa forma, é externo ao conto em si: a própria capacidade de Flaubert, que não pertencia à camada mais desfavorecida daquela sociedade, de criar e se identificar, ternamente, com a criada Felicité.

Reli os **Trois Contes**, de Flaubert, nos últimos dias. Mas acho que há observações, referentes a ele, que são inerentes também a outros livros.

No entanto, nem toda sociedade é igual. Apesar do esforço de Flaubert, em “Herodias”, por expressar uma sociedade fraturada e ocupada, a França não era um país submetido a um imperialismo externo.

O Brasil, entretanto, é uma nação dependente, uma nação subordinada – e, com um breve interregno após a Revolução de 30, sempre foi assim até agora, antes e depois da independência política.

O que não nos absolve de ter uma literatura própria, ainda que com um conteúdo específico.

Lembro que quando reuni os artigos e ensaios que formam o meu livro **Cultura e Identidade Nacional** (2025, FMG) e Anita Garibaldi, detive-me longamente em Machado. Impressionava-me o número de jovens que tinham dificuldade em ler, compreender e abordar a obra do bruxo do Cosme Velho, em especial a sua segunda fase, iniciada com um romance esplêndido, **Memórias Póstumas de Brás Cubas** (1881).

O que é difícil de entender neste livro é, precisamente, que algum dia tenha existido em nosso país a sociedade que ele expressa e retrata.

Pois Brás Cubas é um senhor de escravos, nascido assim – e falecido assim. Em suma, um completo inútil, pois jamais trabalhou ou fez algum bem à coletividade, jamais estudou seriamente (seu curso em Coimbra foi uma farsa), e, durante o pouco tempo em que foi parlamentar, o máximo que fez foi um projeto ridículo para reduzir a barretina dos soldados da Guarda Nacional (v. capítulo CXXXVII).

Aliás, Brás Cubas não sabe o que é coletividade. O máximo de relacionamento social a que chega são algumas transgressões sexuais, a mais longa delas, com Virgília, de caráter adúltero, sem qualquer inibição ou remorso. Numa sociedade em que a própria humanidade dos escravos é desrespeitada – aliás, nem é reconhecida – o adultério é, também, perfeitamente lícito.

Brás Cubas é, assim, a condensação do escravagismo, no que ele tem de mais inútil, ou



José Lins do Rego, autor de “Fogo Morto” (foto: Domínio Público) e, abaixo, Felicité e o papagaio Loulou. Ilustração de Auguste Leroux para *Un coeur simple* (Trois Contes), de Flaubert (Auguste Leroux/Domínio Público)

e sua inevitável ignorância, é toda a sua desgraça. Ele não paga ao senhor de engenho pelo local de moradia, ou pela própria moradia, que, antes, foi de seu pai. Mas quando o coronel exige que saia de suas terras, não lhe resta o que fazer – exceto aceitar a proteção do cangaceiro Antônio Silvino.

E aqui temos um dos aspectos mais significativos de **Fogo Morto**: ninguém – exceto Vitorino, que vive completamente imerso em ilusões – espera proteção do Estado, ninguém espera que seus direitos sejam legalmente reconhecidos. Pelo contrário, o Estado, representado pela polícia, é uma violenta ameaça a todos. Sobretudo para cegos, negros e pobres, embora não para os donos de engenho, que são a base do poder oligárquico.

É de Antônio Silvino que todos – mesmo os que não gostam dele ou do cangaço – esperam acolhida e respeito.

Como sabemos, o verdadeiro Antônio Silvino foi preso em 1914 e indultado, pelo presidente Getúlio Vargas, mais de 20 anos depois, em 1937. O que nos dá uma ideia do tempo suposto em que transcorre o romance de José Lins do Rego.

Tudo, no romance, corre em direção ao fim do reino dos engenhos – isto é, em direção ao “fogo morto”, que já é uma realidade no Santa Fé, e logo chegará aos outros engenhos, inclusive ao mais poderoso deles, o Santa Rosa.

A oligarquia dos engenhos, portanto, está com os dias contados.

O fim de mestre José Amaro, o único trabalhador entre os personagens principais, é, a esse respeito, como dizem alguns, emblemático. Apesar de toda a sua revolta, ele não consegue se desvencilhar do domínio senhorial – com seus passeios noturnos, o que consegue é ser tratado pelo povo como um lobisomem. Em conflito com o coronel, naquela sociedade, ele não é mais visto como um ser humano. Portanto, resta-lhe morrer com o engenho onde sempre viveu.

A tentativa implícita nas notas acima não é a de ressaltar o realismo como escola literária, desde o século XIX. É verdade que elas acabam levando a isso, mas a questão fundamental é como a literatura sempre é uma expressão da sociedade em que foi desenvolvida. Mesmo aquela que se afasta de maneira mais ou menos intencional do realismo – como, por exemplo, o grande romance de Marcel Proust, **À la Recherche du Temps Perdu**, ou os romances de James Joyce, em especial **Finnegans Wake** (1939), ou os contos e romances de Franz Kafka.

Ou, para citar um outro exemplo, este brasileiro, **Grande Sertão: Veredas** (1956), de Guimarães Rosa. Mas, sobre este, não se pode dizer que seja afastado do realismo.

Também não é nossa intenção negar ou ignorar as outras dimensões da obra literária – de qualquer obra literária – em especial o seu aspecto estético. Apenas, nem este nem os outros aspectos existiriam sem que houvesse algum suporte social que os sustentassem.

seja, em sua própria essência. E seu colega e suposto amigo Quincas Borba, com sua exótica filosofia, o humanitismo (“Ao vencedor, as batatas!”), é a figura encarnada do vazio – e brutal – pensamento, ou falta de pensamento, daquela época.

Visto por esse prisma, **Memórias Póstumas de Brás Cubas** é um livro fascinante – ainda mais porque o autor é um defunto, como a representar toda a sociedade de que faz parte, e que já estava realmente morta, com o cadáver em decomposição à luz do dia, demandando apenas o seu sepultamento.

Mas, em **Cultura e Identidade Nacional**, omitei propositalmente alguns autores, para tornar mais fácil a demonstração da tese central do livro, isto é, a das relações entre cultura e nacionalidade. Referi-me rapidamente a essa omissão, no início, prometendo saná-la depois. Até hoje não tive tempo de fazê-lo e essas lacunas (por exemplo, Érico Veríssimo, José Américo de Almeida, Dyonélio Machado, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Amando Fontes, Guimarães Rosa, etc.) continuam me pesando bastante.

Destes, acredito que a principal omissão – até porque teria sido fácil evitá-la – seja a de José Lins do Rego. Exceto por Graciliano Ramos e Jorge Amado, a obra do escritor paraibano é a mais representativa do “romance da década de 30”. E, a julgar por um depoimento de Ariano Suassuna sobre **Pedra Bonita** (1938) e **Cangaceiros** (1953), até em relação ao romance que sucedeu o romance de 30.

É verdade que não ignorei José Lins do Rego, mas o citei principalmente como crítico e historiador literário. Não examinei, portanto, sua obra

de ficcionista.

Agora, na atual releitura – a que já me referi acima – deparei-me com **Fogo Morto** (1943), que não lia há muitos e muitos anos.

O livro é uma obra-prima, como poucas existem em nossa literatura.

Após **Menino de Engenho** (1932), **Doidinho** (1933), **Banguê** (1934), **O Moleque Ricardo** (1935) e **Usina** (1936), José Lins do Rego dera por encerrada a série de romances que ele próprio denominara “Ciclo da Cana de Açúcar”.

Mas, em 1943, com **Fogo Morto**, ele voltaria ao ciclo e ao seu ambiente rural – desta vez inteiramente desvinculado do personagem Carlos Melo, que atravessa os romances citados acima, mas não de seu avô, o coronel José Paulino, dono do engenho Santa Rosa, que aparece, ainda que perifericamente, no último romance.

O livro gira – como um planeta gira em torno de uma estrela – à volta de três personagens: o seleiro José Amaro; o dono do engenho Santa Fé, Lula de Holanda; e o tresloucado capitão Vitorino Carneiro da Cunha, conhecido como Vitorino Papa-Rabo.

A cada um corresponde uma parte do livro.

Todos – o mestre José Amaro, o coronel Lula de Holanda e Vitorino – estão à beira da loucura, e, além dela, estão a filha do seleiro e a cunhada do coronel, já inteiramente loucas.

O mundo em que se passa a narrativa é a zona da mata da Paraíba, um lugar miserável, onde os engenhos estão em franca decadência, transformando-se em “fogo morto”, ou seja, em engenhos que já não fabricam açúcar, apenas fornecem cana para as usinas.

São engenhos que já não são

engenhos. No entanto, os seus donos, antigos senhores de escravos, ou sucessores desses senhores, não se conformam em ser apenas plantadores de cana. Há muitos livros de História do Brasil, principalmente no sul e sudeste do nosso país, onde a Revolução de 30 aparece como uma mudança apenas em uma parte do nosso território – ao mesmo tempo em que o Nordeste e o seu latifúndio permaneceram intocados.

Essa versão é, em uma palavra, fantástica.

Uma das razões para a própria Revolução de 30 foi a decadência das atrasadíssimas relações de produção nordestinas – essa foi a chave da explosão que arrastou aquela região, depois do assassinato de João Pessoa, para o levante contra a República Velha.

Fogo Morto é o romance dessa decadência, exposta inclusive no ensandecimento dos personagens, isto é, em sua decadência mental. E, mesmo no limite, eles se recusam a sair, como Vitorino e sinhá Adriana, ainda que instados pelo filho, Luís, suboficial da Marinha.

A raiz desse estado de coisas é vista no *flash-back* da segunda parte, que retroage ao tempo da escravidão e à crueldade dos senhores de escravos.

Porém, o tempo presente da narrativa é a República Velha, com alguns monarquistas inconformados e com as oligarquias extorquindo o povo. Ou seja, o tempo em que as sementes da revolução começaram a eclodir pelo Brasil, inclusive no Nordeste.

Mestre José Amaro tem sua casa de taipa na margem da estrada, dentro das terras de Lula de Holanda, no Santa Fé. É um homem insubmisso, daquele tipo em que, no Nordeste, se diz que ninguém põe a canga. Essa,